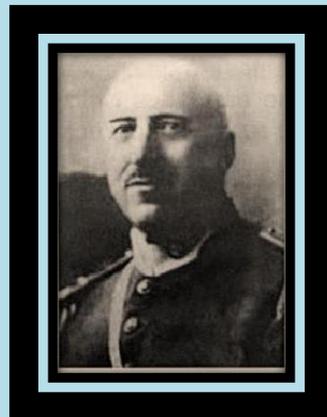
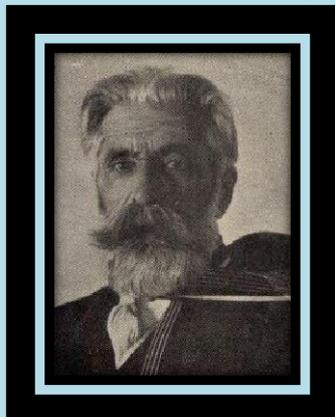
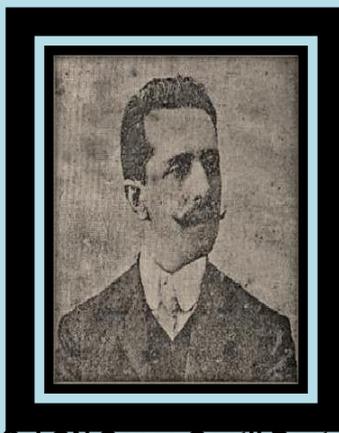


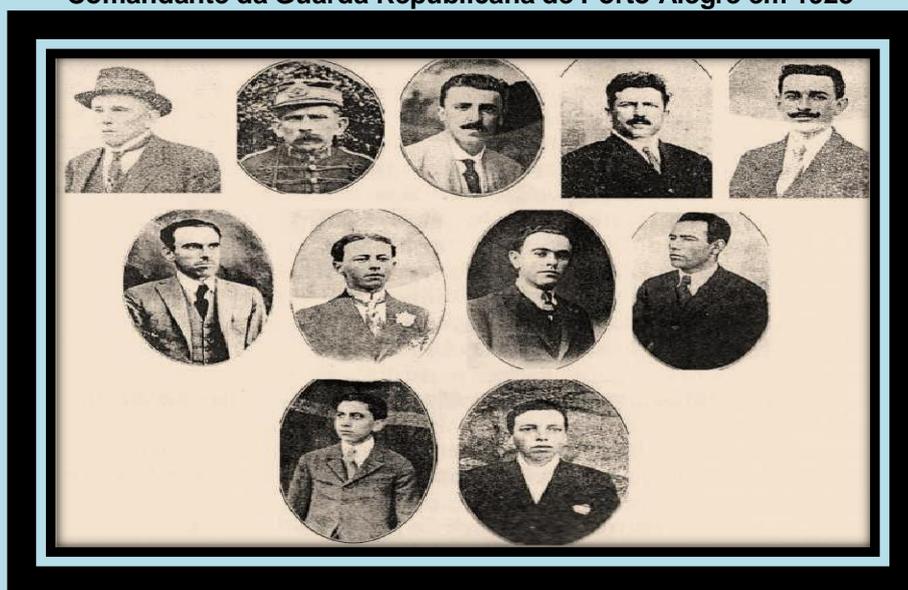
RECORDANDO CANGUÇU E SEUS FILHOS COMBATENTES, NO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 1923



Gen Rv, 1923 Jose de Mattos Neto Cel Juvêncio Maximiano Lemos



Cel GN Genes Gentil Bento
Comandante da Guarda Republicana de Porto Alegre em 1923



Livro Digital

Capa da de Camila Karen Renê com orientação dos autor

Sumário

A Revolução de 1923 ..p. 2	
Estreatégia revolucionária.p.2	
Uma guerra de guerrilhas, de movimento e psicológica. p.3	
Canguçu e canguçuenses na Revolução de 1923.p.4	
Chega a Revolução de 1923 nas serras do Sudeste.p.5	
Dificuldades logísticas para cumprir a missão da 3ª Divisão legaç .p.5	
Plano do Cel Juvêncio para atacar a Coluna Zeca Netto em Canguçu.p.6	
A Coluna legal deixa Canguçu em perseguição a Coluna Zeca Netto p.6	
A organização da Divisão Revolucionária de Zeca Netto.p.6	
Operações das colunas revolucionárias e legais em Canguçu Vila e interior.p.8	
O combate do Passo do Arroio Pantanoso em Canguçu em em 20 abr .p.10	
O combate de Coxilha do Fogo 21 abr .p.10	
O Combate de Canguçu na estância de Gabriel Borges.p.10	
O Combate de Canguçu na Coronilha.p.11	
O Combate do Cerro Partido 8 jul .p.11	
O Combate do Cerro Partido segundo o General Zeca Netto.p.11	
O Combate de Canguçu Velho 14 ago.p.11	
O Combate de Canguçu Velho segundo o Coronel Juvêncio Lemos.p.	
O Combate de Canguçu Velho nas Memórias do General Zeca Netto.p17	
O Combate de Canguçu Velho como o autor o abordou em Canguçu reencontro com a História.p,20	
Recordando a tomada de Pelotas pelo General Zeca Netto com ataque de surpresa ao alvorecer,p.21	
Zeca Netto reedita em Pelotas ações de seu tio e ídolo militar General Antônio de Souza Netto.p.22	
Os efetivos em presença no ataque e defesa de Pelotas.p.23	
O violento combate de Canguçu Velho dois meses e meio antes .p.24	
A Marcha de 24 dias para o ataque a Pelotas,p.24	
O desenvolvimento do ataque a Pelotas ao alvorcer,p.25.	
O início efetivo do ataque.p.26	
A rendição dos defensores da Intendência e do 1ºPosto Policial. Mas não o dos defensores na Sociedade Agrícola.p.28	
O canguçuense Capitão Orlando Cruz é omitido em descrições do ataque.p.28	
Outros detalhes do ataque revolucionário.p.29	
A inesperada reação de um Posto Policial.p.30	
Zeca Netto toma a Intendência de Pelotas com lavratura de Ata e nela hasteia a Bandeira Nacional.p.31	
Os mortos e feridos e presas de guerra tomadas em Pelotas.p.23	
Traços do perfil militar do General Zeca Netto.p.33	
Veteranos canguçuenses da Revolução de 1923.p. 34	
O Livro histórico da igreja Matriz de Canguçu e a Revolução de 1923.p.35	
Fontes consultadas para a presente interpretação e consultáveis para a obtenção de mais detalhes sobre o assunto.p. 38	
DETALHES DE MINHA VISITA EM 2017 AO AO CASTELO DE PEDRAS ALTAS,LOCAL ONDE FOI ASSINADO O PACTO DE PEDRAS ALTAS ONDE A REVOLUÇÃO DE 1923 FOI PACIFICADA.p.41.	
Mas quem foi Joaquim Francisco de Assis Brasil.p.41	
O Diplomata.p,	
Lider da Revolução de 1923.p.	
O Pacto de Pedras Altas que pacificou a Revolução de 1923.p.44	

Fotos de minha visita e do Jornalista Cairo Moreira Pinheiro ao Castelo de Pedras Altas em 28 abr 2017

Fotos do Castelo de Pedras Altas sobre suas instalações retiradas da Internet. p.45

Curriculo Cultural sintético do autor.p.46

A Revolução de 1923

De fins de janeiro a 14 dezembro de 1923, o Rio Grande do Sul e Canguçu, por extensão, foram envolvidos pela Revolução de 23, denominada "Revolução de Cavaleiros, "em "razão da violência contra o adversário vencido, ter sido exceção, enquanto na de 93 fora quase regra", segundo estudiosos das mesmas. Foi a Revolução de 23 do período republicano que mais envolveu diretamente Canguçu e seus filhos.

Suas causas remotas ligam-se a divergências entre Júlio de Castilhos que conseguiu ver aprovada a Constituição de 91 do Rio Grande do Sul, de inspiração positivista, contra o ponto de vista de Assis Brasil. Suas causas imediatas ligam-se à eleição, pela 5ª vez consecutiva, à Presidência do Rio Grande do Sul, do Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros e o descontentamento dos pecuaristas, no pós guerra de 1914-18, pela recusa do Presidente Borges de Medeiros em os financiar, concentrando seus recursos na desobstrução, dragagem e construção da Barra do Rio Grande e construção de seus molhes, realização notável que abordamos em artigo, Os Molhes de Rio Grande, Construção e Projeção Econômica e Geopolítica na **Revista Marítima Brasileira** (vol 126, nº 7 a 9, jul/set 2006 e disponível em Artigos no site da FAHIMTB - www.ahimtb.org.br) e no Google..

Estratégia revolucionária

A oposição, liderada por Assis Brasil, idealizou a seguinte estratégia militar segundo interpreto:

Desfechar uma guerra de guerrilhas, do tipo Guerra à Gaúcha, contra o Governo Estadual, criando o clima ideal para o Presidente da República Arthur Bernardes, para cuja eleição Borges de Medeiros fora contra, intervir no Rio Grande do Sul e pacificá-lo ao custo da queda de Borges de Medeiros.

Arthur Bernardes chegou à Presidência com forte reação militar. Agindo com prudência, declarou-se neutro e atuou no sentido de pacificar o Rio Grande, o que fez através do General Fernando Setembrino de Carvalho, então Ministro da Guerra. E que fora comandado, como capitão de Artilharia, no combate de Inhanduí, pelo vencedor do mesmo - o canguçuense General Honorário do Exército Hipólito Pinto Ribeiro, pai de Hipólito Ribeiro Junior, que atuará em Canguçu, no comando da força legal no Combate de Canguçu Velho, como se verá, e no inverno na tarde de 14 de agosto de 1923. Considero o General Setembrino de Carvalho o Pacificador do século 20. E ele é assunto central de meu livro **A Revolta do Contestado 1912/1916 na memórias e nos ensinamentos militares de seu Pacificador**.Disponível no Google.

Caso fracassassem as gestões do general Setembrino, Arthur Bernardes transferiria o problema ao Congresso. Os revolucionários e legais partiram para as coxilhas e para as serras do Caverá, do Herval e dos Tapes, dispostos a lutarem por suas verdades de arma em punho:

Os revolucionários, pela revogação da Constituição de 91 e derrubada do Presidente do Estado. Os legais, pela defesa da lei, da ordem e da legitimidade de mandado do Presidente do Estado.

O Exército teve ordem de ficar neutro e de proteger repartições e instalações federais. E abordo a sua atuação na obra **História da 3ª Região Militar 1889-1953**. Palegre: 3ª RM, 1995. p.241/252. Disponível no Google.

A Revolução de 23 teve as seguintes consequências:

- O Presidente do Estado permaneceu;
- O governo Federal não realizou intervenção no Rio Grande do Sul, como havia procedido no Paraná e Santa Catarina na Revolta do Contestado, a pedido de seus presidentes;
- Foi proibida a reeleição do Presidente do Estado e a designação por este do vice-presidente;
- Os revolucionários foram anistiados;
- A minoria assegurou sua representatividade no plano federal e estadual;
- O processo eleitoral evoluiu, sem, no entanto, adotar o voto direto;
- Criou-se as condições de união dos rio-grandenses em torno de uma candidatura à Presidência do Brasil, concretizada na Aliança Liberal que votou em Getúlio Vargas e esteve unida na Revolução de 30, "Ou de pé pelo Rio Grande";
- Reforma da Constituição do Rio Grande, escoimando-a dos pontos de atrito que originaram as divergências Assis Brasil - Júlio de Castilhos.

Embora os revolucionários não tenham sido vitoriosos no campo militar, venceram no campo político, com o aperfeiçoamento resultante de suas lutas.

Uma guerra de guerrilhas, de cavalheiros, de movimento e psicológica

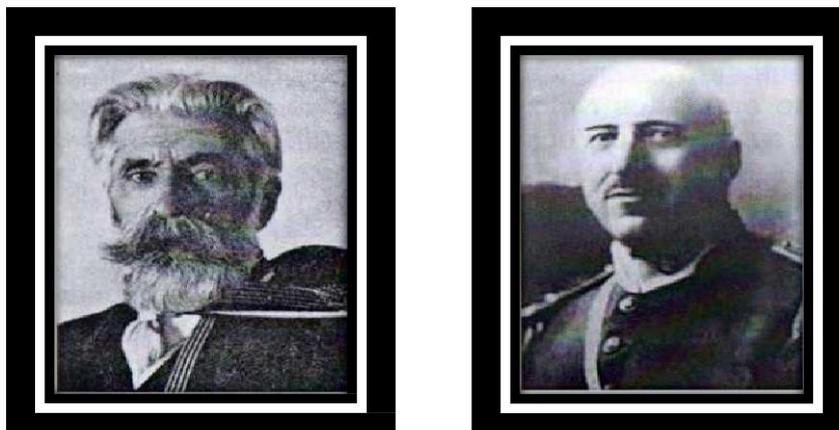
A primeira, apelo a tática da Guerra de Guerrilha, a estratégia do fraco contra o forte, aos moldes da Guerra à gaúcha, cabendo aos revolucionários fustigar, inquietar, confundir as forças estaduais, evitando por tudo serem cercadas e travarem um combate decisivo.

A segunda, a de uma Guerra Psicológica, traduzida pelo exagero das ações militares revolucionárias, quanto aos efetivos em presença, baixas e vantagens táticas e estratégicas sobre forças estaduais. Na falta de armas e munições compatíveis para uma ação militar efetiva, Zeca Netto recorreu com a sua auto denominada 4ª Divisão do Exército Libertador, à Guerra de Movimento, sempre fingendo o adversário e mantendo-se bem informado sobre ele, evitando o combate, para permanecer ao máximo de tempo em ação. E conduziu muito bem esta estratégia nas serras dos Tapes e do Herval, ao ponto dos governistas que o perseguiam, sem o encontrar, o trataram de "Zeca Veado" e os seus correligionários de "Condor da Serra dos Tapes."

Nas cidades, jornalistas revolucionários através da Imprensa se encarregavam de conduzir esta guerra psicológica, com bem sucedido marketing, e sobre o Governo Central, o do Estado e o povo, exagerando as reais possibilidades e os feitos dos revolucionários, tratados na época de bandoleiros pelo Presidente Dr. Borges de Medeiros. E sempre anunciando ataques sobre determinados objetivos que não se concretizavam. Este seria um dos motivos a explicar a surpresa de seu ataque a Pelotas, há 9 dias do Armistício de 7 de novembro e a 49 dias da Paz de Pedras Altas, em 14 de dezembro de 1923.

A terceira foi uma característica de Guerra de Cavaleiros, em contraposição a Guerra de Bárbaros, a Guerra Maldita, a Guerra da Degola que havia sido a Revolução de 93, da qual eram veteranos, como governistas, ao que se sabe os canguçuenses Zeca Netto, Juvêncio Maximiliano Lemos, Orlando Cruz, e que serão aqui focalizados.

Canguçu e canguçenses na Revolução de 23



A esquerda o General Revolucionário de 23, José Antônio Mattos Netto (Zeca Netto) líder revolucionário. E à direita o Cel da Brigada Militar Juvêncio Maximiliano Lemos, chefe legalista que enfrentou em Canguçu a coluna revolucionária e ambos nascidos em Canguçu, veteranos da Revolução de 93 e nascidos, Zeca Netto no 5º Distrito e Juvêncio Lemos no 3º Distrito e consagrados patronos de cadeiras da Academia Canguçuense de História ACANDHIS).

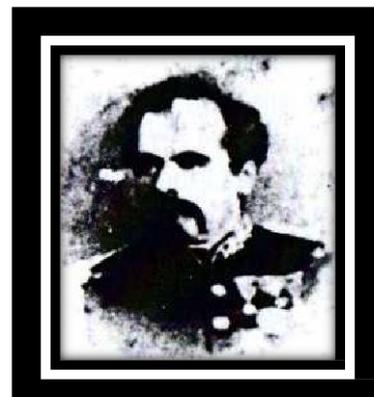
Em Canguçu serão seus maiores protagonistas dois de seus filhos. Do lado revolucionário José Antônio Mattos Neto, consagrado como Zeca Netto, sobrinho do general Antônio Neto, Proclamador da República Rio-Grandense em Seival, e neto de Antônio de Souza Mattos, um dos primeiros povoadores de Canguçu e neto de veterano da luta contra os espanhóis na Guerra de 1801, na qual expandiu pela força das armas a nossa fronteira do rio Piratini ao rio Jaguarão, e também sobrinho do Tenente Coronel Honorário do Exército Theophilo de Souza Mattos que comandou na Guerra do Paraguai o Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu que participou da conquista do Forte Curuzú. E pai de nossa avó materna Firmina Percilia Mattos Moreira (D. Firmina), cujos filhos Francisco Celso, Moreira (Chicuta) e Carlos Licurgo Moreira (Carlitos) atuaram em Camaquã e Encruzilhada do Sul como legalistas. Do lado governista, o Cel. Juvêncio Maximiliano Lemos, em verdade, da família Nunes Garcia. Ambos eram veteranos da Revolução de 93, onde lutaram lado a lado, ombro a ombro e descendentes de veteranos farroupilhas, tanto os Nunes Garcia quanto os Mattos Neto. Quando o general Antônio Netto faleceu, seu sobrinho Zeca Netto tinha 15 anos e votava-lhe grande admiração militar e procurou o imitá-lo como na tomada de Pelotas, feitos do tio e sobrinho.



E também O Cel GN Genes Gentil Bento, a esquerda, ex-intendente de Canguçu 1905/17, ex-vice chefe de Polícia em Jaguarão, ex-Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul e ex-Secretário de Borges de Medeiros e que foi, por este encarregado de organizar a Defesa de Porto Alegre com a Guarda Republicana. Foi consagrado patrono de cadeira da ACANDHIS (Foto Arquivo Conrado Ernani Bento seu filho)

Zeca Netto comandou o que denominou a 4ª Divisão do Exército Libertador e o Cel Juvêncio Lemos a 3ª Brigada Provisória do Sul, organizada em Pelotas e constituída de 4 corpos comandados pelos tenentes-coronéis José Lucas Martins, o 1º Corpo, Francelísio Meireles, o 4º Corpo de Encruzilhada, Alfredo Nunes Garcia e Hipólito Pinto Ribeiro, filho do canguçuense General Honorário do Exército Hipólito Pinto Ribeiro, destacado chefe de Cavalaria no Paraguai e chefe militar de expressão na Revolução de 93. Foi consagrado patrono de cadeira na ACANDHIS.

Foto do General Hipólito Pinto Ribeiro na História do Exército de 1972. Ele nasceu no local da hoje igreja do Salvador, em rua que receberia seu nome o qual conserva da rua General Osório, para Oeste, sendo que a parte leste recebeu nome Exército Nacional que foi acrescentado em 2010 como o nome de Brigadeiro Antônio de Sampaio, que como capitão comandara em Canguçu depois da Paz de Ponche Verde e até 1849, uma companhia do hoje Regimento Tuiuti, tendo casado com a canguçuense Júlia dos Santos Miranda, conforme abordamos em nosso livro Brigadeiro Antônio de Sampaio o Patrono da Infantaria O Bravo dos bravos lançado na ACANDHIS em 2010 Disponível no Google.



Chega a Revolução de 1923 nas Serras do Sudeste

O canguçuense Coronel da Guarda Nacional José de Antonio de Souza Netto, aclamado general Revolucionário e conhecido como Zeca Netto, rebelou-se contra o governo Estadual e organizou uma Coluna Revolucionária em Camaquã, reforçada por revolucionários de Canguçu, Piratini, Encruzilhada do Sul e São Lourenço do Sul e de outras origens

Quando havia ocupado a Vila de Canguçu, em 2 de março 1823, o governo para dar-lhe combate, decidiu organizar em Pelotas a 3ª Divisão Provisória do Sul, ao comando do canguçuense Cel. da Brigada Militar Juvêncio Maximiliano Lemos, que acabara de organizar em Santa Maria, o 2º Corpo Provisório, Ele recebeu ordem de se deslocar urgente para Pelotas e ali organizar a 3ª Brigada Provisória do Sul e com ela partir urgente para a vila de Canguçu e libertá-la da sua ocupação por Zeca Netto.

Dificuldades logísticas para cumprir a missão da 3ª Divisão

O Cel. Juvêncio e seu 2º Corpo, recebida a ordem do Presidente do Estado, no dia 16 de março. Na tarde do dia 17 embarcaram na estação ferroviária de Santa Maria

com Estado-Maior, cavalos dos oficiais e outros materiais. E desembarcaram na Estação Ferroviária de Pelotas às 10 horas do dia 18.

Decorridos 7 dias, enfrentando a dificuldades logísticas de toda a ordem, que eram da responsabilidade das autoridades de Pelotas, a Coluna Legal deixou sua base marchando à pé em 25 de março, rumo a Canguçu ocupada por Zeca Netto e a atingiu em 28, Canguçu, de onde a Coluna Zeca Netto havia se retirado 2 dias antes, depois de ali permanecer por cerca 24 dias.

Foram as seguintes dificuldades, quanto ao projetado transporte por estrada a Canguçu, em caminhões e automóveis ou em carroças, em razão da maioria dos motoristas (choferes então) e carroceiros serem partidários de Assis Brasil, e recusaram prestar aqueles serviços. E no deslocamento o 2º Corpo muito mal montado, seus cavalos cansados iam sendo deixados para trás, ao longo da estrada Pelotas-Canguçu. E a marcha tinha de ser regulada pela Infantaria que se desloca a pé, marchando 24 quilômetros por dia.

Plano do Cel Juvêncio para atacar a Coluna Zeca Netto em Canguçu

O 1º Corpo tinha a missão de a partir do Passo das Pedras (entre Pelotas e Cerrito), operar junção com outro Corpo, no entroncamento das estradas Pelotas-Canguçu, com a Canguçu- Cerrito.

Outro Corpo partiria de Pinheiro Machado e devia atingir Canguçu pela Coxilha Santo Antonio (Piratini- Canguçu).

O Corpo de Encruzilhada devia atingir Canguçu pelo Norte, através do passo do Marinheiro no rio Camaquã, a partir da Coxilha do Fogo.

Este plano visava bloquear os possíveis caminhos de retirada da Coluna Zeca Netto da Vila de Canguçu.

A Coluna Legal deixa Canguçu em perseguição a Coluna Zeca Netto

A Coluna Legal da 3ª Divisão Provisória do Sul deixou Canguçu ao encalço da Coluna Zeca Netto, e assim constituída:

1º Corpo da Brigada de Cavalaria da Brigada Militar

2º Corpo da 3ª Divisão Provisória do Sul

1ª Seção de Metralhadoras ao comando do Tenente Trajano Marinho

1 Contingente de Canguçu.

E segundo informes, a Coluna Zeca Netto ao se deslocar potreava ou aprendia a cavallhada que encontrava, nada deixando para a Coluna Legal, muito mal montada que o perseguia.

E os informes colhidos pela Coluna Legal eram exagerados tais como:

A coluna revolucionária e constituída de cerca de 1000 homens armados e dispendo de grande cavallhada, que vista de longe parece possuir mais de 2000 homens||.

A Organização da Divisão Revolucionária de Zeca Netto

Netto, fora aclamado pelos oficiais da Coluna como general e o seu comandante. O seu Estado - Maior era composto dos coronéis Dr. João Nunes de Campos, seu chefe de Estado-Maior, Boaventura Luis Pereira da Silva, seu assistente, e auxiliares os majores Dr. Ildefonso Simões Lopes (Fonsequinha) e Dr. Dario Crespo (Nota: Os postos não eram oficializados, eram títulos dados pela Revolução). A Divisão foi organizada em 4 Brigadas:

1ª Brigada, pelo Cel. Cristóvão G. Andrade, composta de revolucionários de

Camaquã, Dolores de Camaquã (Tapes) e Pedras Brancas (Guaíba atual) e formada de 4 corpos:

1º Corpo comandado pelo Ten. Cel. Nicanor Crespo;

2º Corpo comandado pelo Ten. Cel. Luiz Andrade e dele faziam parte os estudantes Josino Brasil, e Taques.

3º Corpo comandado pelo Ten. Cel. Manoel Dias Ferreira;

4º Corpo comandado pelo Ten. Cel. Herculano Dutra.

2ª Brigada, Sob comando do Cel. Brizolara, composta dos:

1º Corpo, comandado pelo Major Brizolara Filho;

2º Corpo Comandado pelo Ten. Cel. Plínio Monte;

3º Corpo comandado pelo Major Ferreira.

3ª Brigada, comandada pelo Cel. Antero Pedroso, (sobrevivente do Sítio do Rio Negro em 1893, onde seu irmão Maneco Pedroso foi degolado e quase toda a Cavalaria Civil que ele comandava, composta de elementos de Piratini, Canguçu, Cerrito, Bagé e Cacimbinhas (Pinheiro Machado).

1º Corpo, comandado pelo Major Lino;

2º Corpo comandado pelo Major Lucas;

3º Corpo comandado pelo Major Alvim Dias;

4º Corpo comandado pelo Major Fabres.

4ª Brigada, comandada pelo Cel. Paulo João Paulo Prestes, (veterano de 93) e sobrevivente do Cerco do Rio Negro de onde conseguiu escapar e composta:

Do Corpo de Canguçu, comandado pelo Major Altesor Almeida, secundado por José Moreira Mattos, (Zequinha Mattos), pai do tradicionalista, historiador e artista plástico Eng Agrônomo Mário Barbosa Mattos).

Corpo a comando do Ten. Cel. Leônidas Damasceno, composto de elementos de Piratini, Cacimbinhas (Pinheiro Machado atual) e Canguçu.

O efetivo previsto da 3ª Divisão Provisória do Sul era de cerca de 1.000 homens distribuídos em 4 corpos e o da Divisão Libertadora cerca de 200 homens. O cenário do confronto foram os municípios de Camaquã, São Lourenço, São Jerônimo, Canguçu, Piratini, Caçapava, Pinheiro Machado, Herval e Pelotas, ou mais propriamente a Serra dos Tapes, base no passado de guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira contra os espanhóis e dos farroupilhas, até 1844, onde em Piratini e seus distritos de Canguçu, Cerrito e Bagé resistiram as investidas imperiais, sendo que em Canguçu foi sede da Ala Esquerda do Exército do Barão de Caxias, de agosto de 1842 até o final da Revolução, ao comando do guerrilheiro imperial Tenente Coronel da Guarda Nacional Francisco Pedro Brusque de Abreu, Chico Pedro ou Moringue, o qual foi substituído depois da pacificação por uma Companhia de Infantaria ao comando do Capitão Antônio de Sampaio conforme mencionei. Hoje nome complementar da Avenida Exército Nacional. Em razão disso, partidários de Zeca Netto, em momentos de exaltação romântica o chamaram de "Condor da Serra dos Tapes". Seus adversários ironicamente o chamaram de "Zeca Veado", em função da seguinte tática correta que adotou, para evitar um confronto armado desigual com tropas mais numerosas, melhor organizadas, equipadas e instruídas, o que não foi entendido e que assim interpreto.

Desenvolver uma guerra de guerrilhas, tirando o máximo partido da rapidez de movimento, do terreno por eles bem conhecido, dobrado cheio de cobertas e abrigos e alternativas de itinerários, mudados com rapidez e com frequência e da segurança pelas informações sobre o adversário (informantes), inclusive escuta telefônica. E apoio de amigos ao longo de seus deslocamentos, especialmente em alimentação a base de churrasco.

Em Canguçu, Zeca Netto conseguiu a adesão do coronel João Paulo Prestes,

veterano da Revolução de 93 e sobrevivente, do Cerco do Rio Negro e que como o Juvêncio Lemos que sobreviveu ao Cerco de Bagé, em cuja defesa no comando de um assalto foi ferido com uma bala de fuzil que atingiu um dos seus pulmões. Quando o General Antônio Netto faleceu no Paraguai seu sobrinho Zeca Netto tinha 15 anos e lhe votava grande admiração, repito.

Operações revolucionárias e legais em Canguçu Vila e Interior

2 Mar.: Zeca Neto ocupou Canguçu reforçado por contingente do local, chefiado por João Paulo Prestes, após reação do intendente Dr. Raul Azambuja que se retirou para a Estação Cerrito. Na confusão foi ferido levemente, por um disparo acidental, Raul Soares dos Santos então com 15 anos, e depois advogado local, casado com a professora Georgina Quadros dos Santos.

24 Mar.: Após suprir, recompletar e remontar, a coluna Zeca Netto deixou a Vila de Canguçu com destino a São Jerônimo, para escapar de força legal lançada de Pelotas.

28 Mar.: Entrou em Canguçu em sua perseguição força do canguçuense Juvêncio Lemos.

17 Abr.: Teve lugar o combate do Passo do Mendonça no qual perdeu a vida o ilustre canguçuense João Paulo Prestes. Este combate teve lugar depois de Netto ocupar Encruzilhada (3 Abr.), São Jerônimo, Camaquã (14 Abr.) e Dores de Camaquã (15 Abr.). Nele atuou no momento decisivo o Cel Juvêncio Lemos

18 Abr.: Após o combate acima, Netto atingiria a estância, em Canguçu, do coronel Francisco Mattos.

19 Abr.: Netto entrou em Canguçu pela segunda vez onde permaneceu três dias.

23 Abr.: O Corpo do Francelisio Meireles, depois de escaramuçar, no passo do Pantanoso e na Coxilha do Fogo, com tropas de José Luiz Brizolara e Antero Pedroso de Oliveira, entrou na vila de Canguçu.



Na foto detalhe de parte da tropa de Francelisio Meireles defronte a hoje Casa da Cultura Professora Marlene Barbosa Coelho, em 24 de abril, segundo anotado na foto conservada por Conrado Ernani Bento, hoje consagrado patrono da ACANDHIS.

7 Mai.: Revolucionários e governistas escaramuçaram, em Canguçu, na estância de Gabriel Borges.

7 Jul.: Em pleno inverno, Netto ocupou Canguçu pela quarta vez. Depois de operar junção com Estácio Azambuja e ocupar Pinheiro Machado (9 Mai.), Herval (29 Mai.) e Piratini (4 Jul.).

10 Jul.: Entrou em Canguçu o Corpo de Francelisio Meireles, em perseguição a Netto.

16 Jul.: Tropa da força de Netto escaramuçou com tropas de Francelisio Meireles em Iguatemi e cemitério do Posto Branco.

18 Jul.: Tem Lugar o combate do Cerro Partido, a oeste da Vila de Canguçu. Netto estivera acampado entre o Arroio Coronilha e o Pantanoso e Francelisio na Estância de Antero Soares de Paiva, entre os arroios Pantanoso e o das Pedras.

19 Jul.: Após entrar, no dia anterior, em Canguçu pela quarta vez, Netto deixou Canguçu que foi reocupado por Francelisio.

30 Jul.: Camaquã foi bombardeada por um avião pilotado por Noêmio Ferraz. No dia seguinte Neto entrou nesta localidade.

8 Ago.: Neto transpôs o Passo da Pacheca no rio Camaquã e rumou para Canguçu.

14 Ago.: Teve lugar em Canguçu-Velho, sede da antiga Feitoria Real do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu (1783-1789), o mais violento combate, entre Netto e corpos dos tenentes-coronéis Nunes Garcia e Hipólito Ribeiro, o que será tratado mais adiante.

15 Ago.: Depois de Canguçu-Velho, Netto foi operar em Pinheiro Machado e no município de Bagé, fazendo junção pela segunda vez com Estácio Azambuja, descendente de um dos primeiros povoadores de Canguçu, o coronel Jerônimo de Azambuja, do qual descendia também o intendente de Canguçu, na época, Dr. Raul Azambuja.

7 Set.: Encontro da Atalaia, no Rincão dos Cravos, próximo ao passo do Acampamento, no rio Piratini, entre Netto e Hipólito Ribeiro Jr.

7 Out.: Encontro entre Netto e Francelisio no arroio Sutil e passo Mariazinha do Camaquã, no interior de Canguçu.

15 Out.: Escaramuças entre Netto e Francelisio no passo Bom Será do Camaquã. Neste dia, o Major revolucionário Adolfo Barbosa Brockmann ocupou Canguçu.

29 Out.: Tomada de Pelotas por Netto, o último e mais ousado feito dessa revolução. Neste evento histórico destacou-se, do lado do governo o canguçuense capitão Orlando Cruz, comandante da força que defendia a Sociedade Agrícola, que foi o único reduto que não se rendeu. Este local ficava onde foi construído o Entrepasto de Leite em Pelotas, no hoje Largo do Vernetti, legalista que tombou morto naquele local. Orlando Cruz como Tenente Coronel da Brigada foi intendente em Canguçu de 1924-1928. Muito pobre e idoso, foi acolhido pelo Prefeito Odilon Meskó, para morar num porão da Prefeitura, onde mais tarde foi encontrado morto. O estudo em Canguçu reencontro 2 ed, 2007 na página 187. Disponível no Google.

3 Nov.: Neto ocupou a Vila de Camaquã, após 8 meses de operações sem ser alcançado, e por haver realizado o ousado feito de grande repercussão psicológica - a conquista de Pelotas, onde se reequipou, e se rearmou. Ai veio alcançá-lo o Armistício de 7 de novembro.

Em **14 de Dezembro** foi celebrada a Paz de Pedras Altas.





Aspecto de um Corpo Provisório da Brigada defronte a Intendência, decorridos 33 dias da Paz de Pedras Altas. (Fonte: Detalhe de foto do Arquivo de Conrado Ernani Bento, na qual ele observa da praça o evento e assinalou a data da foto). Era um Corpo da Brigada Militar ao comando do Cel Francelisio Gonçalves Meireles, que na foto ao lado, posou com sua oficialidade numa escada da atual Casa de Cultura de Canguçu, próximo do local onde foi erigida a sede da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) cujo patrono é Conrado Ernani Bento que colecionou, anotou preservou estas fotos, hoje do acervo da ACANDHIS.

O combate do Passo do arroio Pantanoso em Canguçu em 20 abril

A Coluna do Zeca Netto em retirada foi alcançada no passo do Pantanoso pelo Ten Cel Francelisio Meireles por Esquadrão de seu 4º Corpo de Encruzilhada da 3ª Divisão Provisória do Sul. Coberto e abrigado pela vegetação ciliar do arroio Pantanoso, a coluna de Zeca Netto bateu em retirada protegida por fração que ali colocara em cobertura da retirada. Coluna que foi forçada a deixar o passo onde se instalara, com uma carga de Cavalaria. Mas cumpriu sua missão retardadora.

O combate da Coxilha do Fogo em Canguçu de 21 de Abril

Dando continuidade a perseguição dos revolucionários o Ten Cel Francelisio reencontrou Zeca Netto em Paraíso, na Coxilha do Fogo. E forçou a Coluna de Zeca Netto a retirar-se na direção de Pedregal, em Piratini, impedindo que tomassem a estrada sobre a Coxilha Santo Antônio rumo a vila de Canguçu.

O Combate em Canguçu na Estância de Gabriel Borges em 7 de maio

O Ten Cel Francelisio encontrou a coluna de Zeca Netto entrincheirada em casas da Estância de Gabriel Borges e numa cerca de pedra. E decidiu atacar o dispositivo defensivo da Coluna Zeca Netto com dois esquadrões de seu 4º Corpo de Encruzilhada, ora atuando independente em Canguçu.

E adotou o seguinte dispositivo de ataque. Colocou a sua força atacante num semi círculo de cerca de 500 metros.

Lançou o 2º Esquadrão Vanguarda sobre o Flanco Direito e Retaguarda revolucionária. E o 3º Esquadrão sobre o Flanco Esquerdo e Frente Revolucionária, mantendo o restante do seu 4º Corpo em Reserva.

Depois de intenso tiroteio os dois esquadrões tomaram de assalto duas casas de moradia, a casa comercial e a cerca de pedra onde os revolucionários se

entrincheiraram.

Reunidos os dois esquadrões partiram no encalço dos revolucionários em Retirada pela serra que serve de contraforte ao Pedregal.

Segundo relato do Ten Cel Francelisio, nesta ação na Estância de Gabriel Borges apreenderam dos revolucionários 14 cavalos encilhados, diversos cavalos sem arreios, revólveres e farta munição. Com esta ação o Cel Juvêncio Lemos recebeu ordem de retornar com sua 3ª Divisão do Sul a sua base - Pelotas.

O Combate em Canguçu da Coronilha

Em 8 de julho a Coluna Zeca Netto entrou mais uma vez em Canguçu tendo tiroteado com o Esquadrão local e dali se retirado no mesmo dia. A seguir, o Ten Cel Francelisio entrou em Canguçu agora atuando independente com o seu 4º Corpo de Encruzilhada. E em Canguçu foi reforçado com 120 homens do 1º Corpo ao comando do Major Aldrovando de Andrade Leão de que fazia parte o canguçuense Major Orlando Cruz e, mais 40 homens do Esquadrão de Canguçu, ao comando do intendente Dr Raul Azambuja. Esta força combateu coluna do General Zeca Netto, na Coronilha as primeiras horas de 18 de julho.

Combate do Cerro Partido (18 jul)

Teve lugar na entrada W de Canguçu. Netto partiu das nascentes do arroio Coronilha e tomou posição no Cerro Partido, entre o balneário João Paulo (Duarte) e a antiga Estrada das Tropas. Francelisio veio da estância de Antero Soares de Paiva. O choque teve início com os governistas tomando posição na altura da estrada defronte à Associação Rural atual, onde próximo existe a sepultura do revolucionário tenente Gomercindo Escobar Duarte morto neste combate de encontro. Francelisio avançou e quase ocupou o Cerro Partido na tentativa de envolver a direita de Netto. Este, pressionado, retraiu pela estrada das tropas na direção de Cerro do Baú, depois de 8 horas de escaramuças. O local onde se deu este combate é no orográfico das bacias do Piratini, Camaquã e Lagoa dos Patos. Quem estiver de posse desse conjunto, barra qualquer progressão vinda da direção de Piratini e através dos Passo das Carretas, Marinheiro, do Vao dos Prestes e da Armada no rio Camaquã. Aí Rafael Pinto Bandeira postou em 1777- 78 a guarda da Coxilha Santo Antônio e, em 1843, Chico Pedro de Abreu aí fez suas trincheiras para cobrir-se naquelas direções, sendo atacado por Bento Gonçalves e Antônio Neto, tio de Zeca Netto que aí lutava.

Estas alturas barram todo e qualquer movimento que proveniente de Pelotas pretenda, através de Canguçu, atingir Piratini, Caçapava e Encruzilhada. A Geo-História Militar tem confirmado sua importância. A área junto às nascentes do Pantanoso, historicamente tem servido para o acampamento de tropas militares, desde a luta contra os espanhóis. Ela pertence hoje, na maior parte, à Associação Rural.

A denominação de Cerro Partido remonta o período de guerra 1763-77 contra os espanhóis. Ela deriva do espigão que mergulha no antigo balneário João Paulo (Duarte), ser partido a leste e apresentar-se como uma parede de pedra. É um acidente muito característico. E só ele foi registrado num mapa em 1784 da Comissão de Demarcação de Limites do Tratado de Santo Ildefonso de 1777, que consultamos no Estado-Maior do Exército em 1972, como membro de sua Comissão de História.

O Combate do Cerro Partido segundo O General Zeca Netto

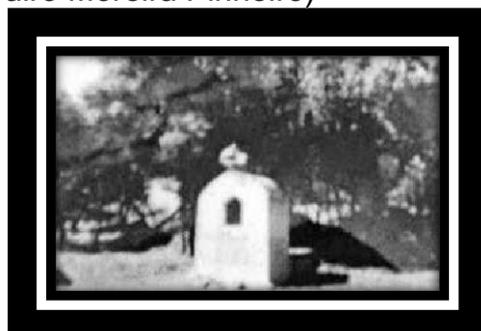
A coluna de Zeca Netto vinda de Piratini demandando a vila de Canguçu.

Francelisio havia entrado para a colônia e por ali não tardaria a passar de volta. E Zeca Netto descreve em suas Memórias como ocorreu o Combate de Cerro Partido.

“Paniagua espera de emboscada mal preparada, um piquete de Francelisio. E ao passar esse piquete, recebe uma descarga do piquete de Paniagua, que dali seguiu para a vila de São Lourenço, que, desguarnecida, ocupou.

O Cel. Francelisio, com a notícia que recebe por seus soldados extraviados, da presença de piquete revolucionário sobre Iguatemi, prepara-se com Aldrovando Leão e para lá marcham.

A lado túmulo do revolucionário morto neste combate Ten Gomercindo Escobar Duarte. (Fonte Jornalista Cairo Moreira Pinheiro)



Nada de novo encontrando, rumo para a costa do arroio Pantanoso. Quando chega com sua força para acampar na costa do Pantanoso, eu, com minha coluna, já estava acampado na costa do mesmo arroio, na margem oposta. O dia estava de nevoeiro, o que vedava a claridade. Separa as duas forças a distância de 4 quilômetros, pouco mais, pouco menos.

O campo onde acampeei era de propriedade de um oficial da força de Canguçu, o major Altessor Almeida, conhecedor do terreno. E avisou que ali perto, defronte de nosso acampamento, havia uma estrada que demandava Canguçu.

Mandei o Major Herculano Dutra postar-se com seu piquete ao lado dessa estrada para interceptar a comunicação do Cel. Francelisio com Canguçu. Lá pelas nove horas vinha de Canguçu o Cap. Fernandes, que trazia comunicação para o Cel. Francelisio.

Foi preso e enviado a mim esse capitão, muito meu conhecido. Ao recebê-lo, cumprimentei, indaguei de sua missão, e ele me informou que não tardaria a passar pela mesma estrada um piquete de regular número de soldados da força do Francelisio.

Mandei reforçar o piquete de Herculano, mas quando lá chegou o reforço, já o piquete inimigo tinha sido tiroteado pelo Major Herculano. Por esse piquete seu tiroteado e que foi dar ao acampamento, Francelisio ficou sabendo que tinha inimigo perto.

Pela manhã seguinte levantei o acampamento, marchando até a estrada geral que passa por Canguçu.

Aí aguardava o Cel. José Luiz Brizolara com sua Brigada, que havia acampado em uns esconderijos, que muito custou descobri-lo, sendo que até o comandante da coluna teve que ir procurá-lo.

Afinal, descoberto o homem, ordeno-lhe marchar celeremente até incorporar-se à coluna. Ai perguntei ao Major Altessor qual seria o melhor lugar para nele levar-se a efeito a luta que era inevitável, pois que marchávamos para o mesmo ponto, nos vendo de parte a parte.

Diz-me o Major Altessor: – “E o Cerro Partido, junto à vila de Canguçu.”

Para lá dirigi a marcha. Chegados ao ponto indicado, era na realidade uma posição para nós muito vantajosa. Ali se colocou o grosso de nossa coluna, sendo destacado o Ten. Cel. Manoel Dias para a direita da coluna, ali barrando ao inimigo uma estrada que leva à Vila.

A esquerda, onde não parecia haver perigo, era guarnecida pelo sargento Custódio Mattos com 8 praças ao seu mando. À direita, aquém do ponto em que se encontrava Manoel Dias, estava o Ten. Borba com 10 praças. E próximo a ele estavam o Cel. Brizolara com sua força e o Ten. Cel. Plínio Monte também com seus homens. Fere-se a luta, o inimigo atacando justamente o ponto mais forte da minha coluna — o seu centro —, bem amparado pelo terreno propício. Mas um pouco além da rocha que servia de trincheira, havia, em terreno isolado, uma casa (de Chico Ribeiro) que mandei ocupar por um contingente, antes que o inimigo a ocupasse. A primeira resistência oposta à força do Cel. Francelisio, essa força se retirou a galope para a distância de mais ou menos cinco quilômetros. Ficou Aldrovando Leão tentando com seus soldados tomar a casa onde estava um contingente lutando contra eles, que avançavam lentamente, aproveitando barrancos, pedras que no terreno encontravam. Seu fogo era continuo, já haviam sido mortos dois homens nossos.

Mandei o Ten. Cel. Leônidas que mandasse o Ten. Borba com seus homens atacar de flanco aquela linha de atiradores que ameaçava, com tenaz ataque, tomar aos nossos aquela casa.

O Ten. Cel. Leônidas encontra-se com Brizolara e Plínio Monte longe dos projéteis do inimigo, detêm-se conversando e esquece de chegar um pouco adiante e mandar o Borba baixar e atacar de flanco, conforme minha ordem.

Já tornava-se difícil o remuniamento dos homens que estavam defendendo a casa. Pela demora do Borba baixar e atacar de flanco, eu me aflijo e digo a um oficial que estava junto de mim:

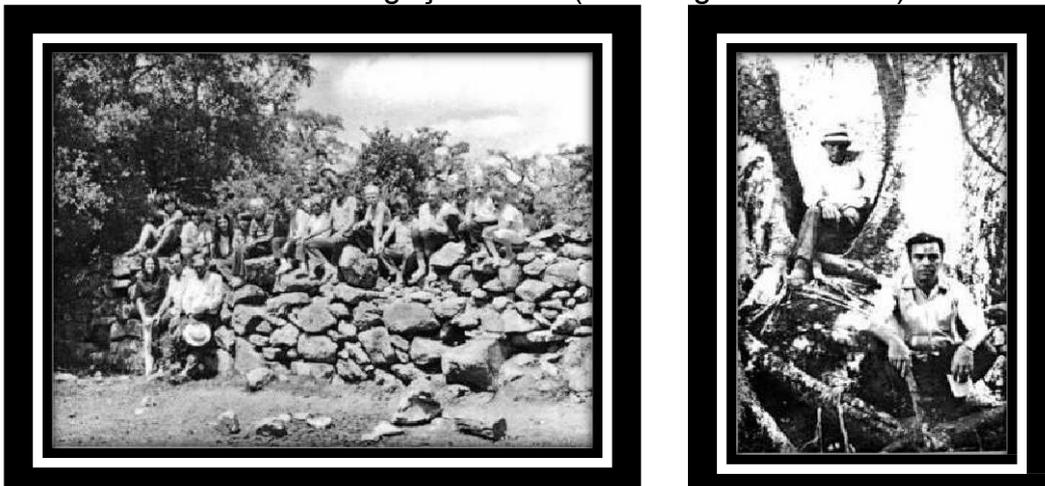
— O Leônidas esqueceu-se de transmitir a ordem. O oficial me diz: — Eu vou, General. — Não vá, eu mesmo vou.

E para lá me dirigi. E havendo um precipício no caminho, eu grito ao Borba ordenando. Com máxima brevidade.

Borba baixou com seus homens, mandou apear e fazer fogo de flanco sobre a linha de atiradores inimigos, que imediatamente fugiram para um mato próximo, mas longe da casa, que deixou de ser alvo. Aldrovando manda chamar Francelisio para continuar a luta. Move-se Francelisio com sua força ao nosso rumo, pela estrada que leva a Canguçu, e que ficava ao nosso flanco esquerdo, guarnecido pelo Sargento Custódio e seus 8 homens. Francelisio vinha com toda a sua gente. Mando com urgência ordenar ao Ten. Cel. Manoel Dias, que estava à direita churrasqueando, que viesse com toda a brevidade atacar o inimigo que vinha pela estrada de Canguçu. Demorando um pouco a chegar Manoel Dias, o Cel. Cristóvão me avisa que era muito fraca nossa defesa da esquerda. Eu disse-lhe que Manoel Dias e Herculano Dutra não tardariam a chegar a tempo de atacar o inimigo. Nessa ocasião, Dr. Dario Crespo, Nicanor Crespo, Pedro Crespo e Mário lançam-se em auxílio do pequeno piquete e fazem frente ao inimigo, que abandona a estrada e ruma para os matos que cobrem as encostas do grande cerro que está o cavaleiro da vila. Chegam o Manoel Dias e Dutra e empurram mais o inimigo para dentro dos matos. Já noite, mandei que cessassem, o fogo e retirassem para o acampamento. Ao começar a luta, mandei carnear e assar carne para comerem os homens que estavam brigando. Ao outro dia pela manhã, chovendo, mandei reconhecer o mato onde tinha ficado o inimigo, que lá ainda estava, e a força que mandei reconhecer encetou forte tiroteio. Passada uma meia hora, mandei suspender o tiroteio e ordenei recolher-se a força para marcharmos. Aproveitei a oportunidade de um auto que seguia para Pelotas e por ele mandei a comunicação do encontro, primeiro que Francelisio. Chovendo todo o dia, marchamos até à tarde, acampando na entrada da picada de Iguatemi,

onde pernoitamos. Ao outro dia pernoitamos na outra entrada dessa mesma picada. Com mais pousos alcançamos o passo do Mendonça.

Combate de Canguçu - Velho (14 de Agosto de 1923)



Na foto a esquerda em 1972, há 50 anos, (em 2022) o autor e sua família, com o proprietário do local e seus filhos e parentes e a cerca de pedra do Mangueirão de Pedra quadrado da Real Feitoria 1783- 1789 ,que foi usada como trincheira pelos revolucionários em 14 de agosto de 1923. À direita árvore que cresceu sobre a cerca do Mangueirão onde apareço. (Fotos de Jesus Martins Bento).

Neto acampou em Canguçu-Velho junto às ruínas do mangueirão de pedra e sobrado que haviam pertencido à sede Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu 1783/89. Assunto que abordamos no livro **Em Canguçu Velho Canguçu- - RS a sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu 1783-1789**. Resende;AHIMTB/IHTRGS/ACAN- DHIS.2008.Disónível no Google Ali esperava o major Adolfo Barbosa Brockmann que com um piquete fora a Pelotas buscar armas e munições. A posição dominante é apoiada ao norte pelo cerro Canguçu. A leste era limitada por uma vegetação mais cerrada sobre elevações da Favila, o último reduto dos índios Tapes e conhecida no tempo do Império por terra dos Tapes.

O canguçuense Cel Juvêncio Lemos comandante da 3ª Divisão do Sul que ai enfrentou a Coluna Zeca Netto assim definiu o local:

“Canguçu Velho, segundo a tradição foi o primeiro povoado da região.”

Em realidade foi povoado antes de Piratini que só foi criada em 1789, como Vila dos Casais, no ano em que a Real Feitoria foi transferida para São Leopoldo.

O Cel Juvêncio assim definiu a geografia ou o terreno do Combate de Canguçu Velho;

“Canguçu Velho fica ao nordeste da cidadezinha de Canguçu, entre dois galhos do arroio do Moinho, cabeceiras do arroio Grande, divisa dos municípios de Canguçu e São Lourenço. É um rincão (Rincão do Canguçu?) coberto de matos e rodeado de grotas, de onde ordinariamente, não se sai e nem se pode sair mesmo de dia entre as duas vertentes.”

Neste local justamente encontravam-se os corpos da 3ª Divisão Provisória do Sul, ao comando dos coronéis Garcia Nunes e Hipólito Ribeiro e uma fração do 5º Batalhão de Caçadores da Brigada Militar, ao comando do capitão Campos Pacheco.

A sentinela do acampamento de Netto notou certa movimentação na Fávila. Foi

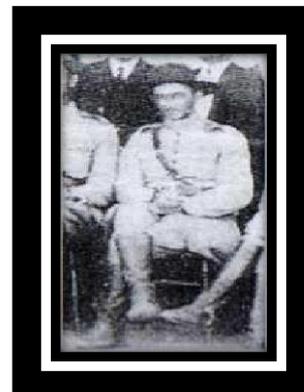
reconhecer o local o capitão Herculano Dutra, comandante da Vanguarda, na certeza geral que era o canguçuense major Adolfo Brockmann que retornava.

Ao mandar, o que julgava amigos, aproximarem-se, teve lugar o início do combate sob a forma de tiroteio que logo a seguir generalizou-se, durando do meio-dia até o anoitecer. Neto no dia seguinte retraiu com seus homens até às cercanias de Canguçu, reagrupando-os no Posto Branco. A fração mais duramente atingida foi a do major Herculano Dutra. Ao retrair combatendo, seus homens foram sendo abatidos em diversos locais da Fávila, até a velha Feitoria, onde alguns depois foram sepultados.

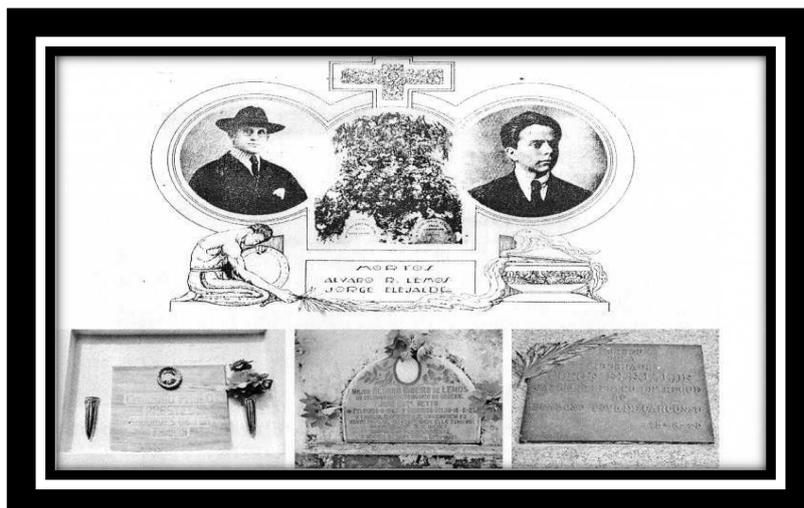
Em 1951 o prefeito, Conrado Ernani Bento, mandou exumar os restos desses combatentes sepultados onde tombaram e colocá-los em cemitério especial ao lado da estrada defronte a casa de Ricardo Schellin.



A esquerda o autor em 1972, há 50 anos com seu filho Carlos Norberto Stumpf Bento hoje Capitão- de- Mar- e- Guerra de nossa Marinha. E a direita, em 10 de maio 2008, 36 anos mais tarde, junto ao cemitério de 4 mortos no combate de Canguçu Velho, com suas sepulturas balizadas por 4 cruzeiros de ferro (Foto de Jesus Martins Bento). Ao lado foto do avô de Cairo Moreira Pinheiro, Capitão Ernesto Inácio Pinheiro que sepultou no local onde tombaram os mortos das 4 cruzeiros, o qual no início da década de 40 trabalhou na Coletoria Estadual de Canguçu, por algum tempo. Era pai de Rui R. Pinheiro.



Os restos mortais dos revolucionários major Álvaro Ribeiro Lemos e do tenente Jorge Elejalde foram sepultados no cemitério local e a guarda perpétua dos mesmos foi confiada ao povo de Canguçu. O Major Álvaro possui seu túmulo na ala a esquerda de quem entra no cemitério e na mesma ala do Cel João Paulo Prestes, morto em combate no Passo do Mendonça. E Elejalde na avenida de entrada do cemitério, a direita.



Túmulos dos revolucionários de 23, no cemitério de Canguçu e mortos em combate. À esquerda o Cel João Paulo Prestes, morto no combate do Passo do Mendonça. No Centro O Major Álvaro Lemos, com o seu retrato apagado depois de 100 anos. À Direita o Túmulo do Ten Jorge Elejalde. (Fotos tiradas pelo autor em 11 de abril de 2013).

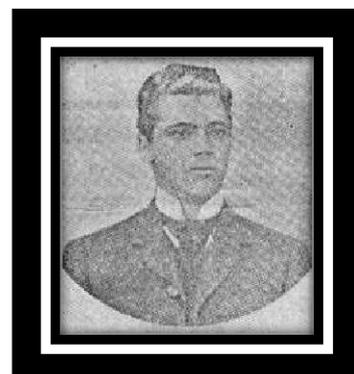
Segundo MORAES, Victor, *Reminiscências de 23, Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 de Setembro de 1981 (suplemento) com apoio em carta do Cel Hipólito Ribeiro, ao Cel Juvêncio Lemos, houve 22 mortos revolucionários e 6 governistas. Entre os primeiros: major Álvaro Lemos, de Pelotas; tenente Jorge Edjalde, de Porto Alegre; Ávila, de Pinheiro Machado. Entre os últimos mortos: sargento Anselmo e soldado João, mortos em Canguçu para onde foram transportados feridos e idem o sargento Ballejas falecido em Pelotas e, no local do combate, os soldados Barbosa, Vieira e Luiz Nunes. Conclui-se que o combate de Canguçu-Velho provocou 28 mortos, sendo, portanto, o mais violento desta revolução.

Segundo o Cel Juvêncio em seus apontamentos:

“A derrota de Netto, em Canguçu Velho, a maior de sua vida, foi de proporções muito sérias e acabrunhantes. A sua retirada de Canguçu Velho, ainda que admirável, dado o engarrafamento em que ele se achava, foi de completa desordem, abandonando, mortos e feridos e material.”

O Tenente Coronel Hipólito Ribeiro que comandou o ataque legalista em Canguçu Velho assim descreveu em carta em março de 1943 de sua Estância da Conceição em Pedras Altas o combate de Canguçu Velho, ao Cel Juvêncio Lemos, seu antigo comandante da 3ª Divisão Provisória do Sul.

Ao lado, foto do Cel Hipólito Ribeiro Junior (Fonte: Jornal 20 de Setembro. Piratini de, 20 setembro 1928, existente no Arquivo Conrado Ernani Bento. Caixa 1 doc n°, 20 setembro 1928)



"Só agora posso responder sua estimada carta de 17 de novembro de 1942, por vários motivos, sendo o principal a anarquia de meu arquivo.

No confronto com as forças de Zeca Netto fizemos 19 prisioneiros e contaram 22 mortos do inimigo. Perdemos na ação três homens dois feridos que vieram a morrer em Canguçu e, pelo menos, um sargento (que veio a morrer) em Pelotas.

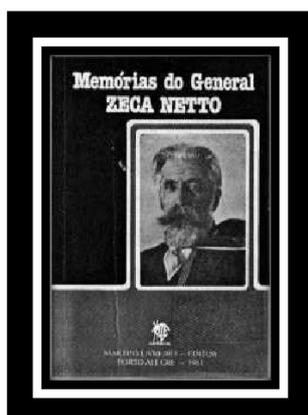
Entre os mortos do inimigo, contavam-se os majores Lemos, de Pelotas; Anarolino, sargento desertor da Brigada; os tenentes Jorge Elejalde, filho do dr. Benito Elejalde, de Porto Alegre; Ávila, filho deste Município (Pinheiro Machado); um velho, com platinas de tenente-coronel e que até hoje não soube quem era. Entre os feridos, os majores Herculano Dutra e o dr. Mário Crespo, a quem dei liberdade e facilitei condução de Canguçu Velho a Pelotas.

Nossos mortos na ação foram, o sargento Anselmo e soldado João de Tal, que morreram em Canguçu e o sargento Ballejas, que foi morrer em Pelotas e os soldados Barbosa, Vieira e Luiz Nunes, feridos, o capitão (não foi possível distinguir o nome do oficial na grafia do missivista), que teve um raspão de bala na face e o sargento Osório e cinco soldados mais.

O inimigo foi completamente destruído, fugiu disperso, atirando-se num banhado, contra o qual ao escurecer ficara encurralado. Da força, calculada em número superior a 600 homens, o maior grupo constatado pelas descobertas (patrulhas de reconhecimento), na tarde do dia seguinte, próximo ao Cancelão (Piratini), era o que ia Zeca Netto, pouco mais de 40 homens, quase todos em pelo e sem chapéu. Tomou-se toda a cavalcada e arquivo e, pela primeira vez, os provisórios tiveram arreamento completo. No início da ação, uma bala arrancou-me o binóculo, espatifando a única lente, e dentro de uma hora o tenente Ary Siqueira presenteava-me, com um excelente binóculo LUMOR, do major Álvaro Lemos e, mais tarde, o capitão Tertuliano Motta, com o binóculo ZEISS do Zeca Netto. Ao clarear do dia, quando as descobertas (patrulhas de reconhecimento) informaram da fuga do inimigo, mandei sepultar os 25 cadáveres (aquele Grillo, do filho roubado, poucos dias depois informou-me que haviam encontrado mais nove cadáveres inimigos) e rumei para Canguçu e daí, por ordem do coronel Nunes Garcia, para Pelotas, onde, poucos dias depois, chegou a informação de que Zeca Netto reorganizava sua gente, no Rincão dos Cravos||.

Nota: Novamente escrevemos sobre este combate em 2003, com apoio nas **Memórias de Zeca Netto**, bem como na **Revista do CIPEL 2003 - Os 80 anos da tomada de Pelotas pelo General Zeca Netto**, integrando e interpretando diversas fontes, além de havermos abordado o assunto na **História da 3ª RM 1889-1953**.citada. Disponível no Google.

O Combate de Canguçu Velho nas Memórias do General Revolucionário Zeca Netto



Do passo do Pacheco, rumamos para o povoado de Boqueirão, atravessamos a colônia de São Lourenço, saindo no local denominado Quevedo, Passamos o arroio Sapato debaixo de tempo chuvoso. As chuvas encheram este arroio e o inimigo que vinha em nossa perseguição não podendo passá-lo, retornou procurando um ponto, onde existia uma ponte que servia à comunicação com a vila de Canguçu, passando por Canguçu Velho, ponte que demandávamos para encontrar um piquete de 30 homens (do canguçuense Major Adolfo Brokman) que conduziam de Pelotas um cargueiro com munição e cada homem trazia um fuzil Mauser.

Do ponto onde pernoitamos, debaixo do mato limpo, mandei colocar vigia sobre o passo que havíamos atravessado. Pela tarde voltou o vigia com a notícia de que a coluna inimiga havia estado neste passo não podendo o atravessar. E voltou procurando o caminho que os levaria à tal ponte, cuja existência me havia avisado o vigia, conhecedor desses lugares próximos à sua moradia. Empreende marcha a Coluna para o Canguçu Velho, onde chegou a 1 hora da tarde junto a estrada da ponte a Canguçu.

Dei ordem ao Cel. Leônidas que escolhesse o lugar para acampar nossa força e colocou o piquete de Vanguarda um pouco distante do acampamento e na estrada por onde podia vir o inimigo e também nosso piquete que vinha de Pelotas.

Ao passar para esse ponto onde acamparíamos, observei a um lado do caminho uma rocha um pouco elevada e que serviria de trincheira, em caso de luta. O Cel. Leônidas, havendo à nossa direita um campo limpo e coberto de boa pastagem para nossos cavalos, escolhe um ponto coberto de faxinas e manda dizer-me por seu ajudante que ali era o lugar para acampar o General e seu Estado-Maior. Digo ao oficial: — Leônidas julga que meus cavalos comem faxina? Volte e avise-o que vou acampar ali naquele campo limpo, junto àquela vertente que o margeia. O Cel. Leônidas coloca o piquete comandado por Herculano na estrada, mas a duas quadras da coluna.

Chega o piquete que vinha de Pelotas e comandado pelo Major Adolfo Barbosa Brockmann, escapando assim do inimigo por poucos minutos. Apresenta-se, mando-o entregar a munição ao encarregado de guardá-la, e disse-lhe que acampasse sobre aquele mato vizinho. Nem bem havia esse piquete acampado, rompeu a fuzilaria do inimigo e do piquete de Herculano.

Mandei a força de Camaquã, de Dores do Camaquã (Tapes) e de Canguçu estender e fazer frente ao inimigo, que era uma coluna de 400 homens, tendo por comandantes o Major Aldrovando Leão, o Ten. Cel. Antônio Nunes Garcia, o Cel. Hipólito Ribeiro (filho) e o Capitão Varela, comandante de um Esquadrão da

Brigada Militar.

Quando mandei minha força fazer frente ao inimigo, mandei dizer a seus comandantes que minha posição era junto à rocha alta próxima, de onde eu avistava todo o terreno em que desenvolvia-se a luta. Do piquete, seu comandante foi ferido e o seu ajudante (o estudante de Medicina) Elejalde foi morto.

A luta continua! O Cel. Nicanor Crespo comunica-me que o inimigo que havia obliquado da estrada para a direita, entrara no mato ai existente e de lá vinha avançando deitado sobre o terreno e assim também lutavam os nossos.

Ai nessa frente, com sua companhia deitada sobre o terreno, foi mortalmente ferido um moço valente, que fora sargento da Brigada Militar e que servia na minha força da qual fora instrutor, no posto de capitão: Anaurelino Chaves.

Informado pelo Major Álvaro Lemos, que observava à minha esquerda o movimento do inimigo, que este baixava pelo mato de uma vertente fronteira. E guardando a barra dessa vertente estava o Sargento Custódio Mattos com 8 praças, enquanto o inimigo que marchava para o ponto que ele guarnecia, era composto de 30 homens, mandei ordem ao Major Álvaro Lemos que de sua força destacasse 20 homens, comandados por um oficial, e marchasse ao rumo de onde vinha o inimigo, incorporando à sua força aquela do Sargento Custódio; esperasse o inimigo no ponto onde se achava o Sargento Custódio, que já tinha ciência do inimigo que baixava pelo mato.

Ao Major Álvaro Lemos, a quem eu tinha recomendado que não fosse, por ser ele muito míope, desobedeceu e seguiu no comando do piquete. Ao defrontar com o Sargento Custódio, este diz-lhe que o inimigo vem baixando pelo mato, mas Lemos não atendeu e seguiu acompanhado também do Major Fonsequina, que foi desobedecendo minha ordem proibindo-o de ir. O Major Álvaro Lemos seguiu pelo mato acima até encontrar o inimigo, ao qual pergunta: — “Quem são vocês?” Resendem: — “Somos companheiros”. Diz-lhes: — “Aproximem-se”. E dão-lhe uma descarga, ele cai morto e seus soldados retiram-se desordenadamente. Acompanha-os o Major Fonsequina (Ildefonso Simões Lopes Filho) que diz-me: — “General, mataram o nosso Álvaro Lemos”.

Nesse mesmo momento, chega à minha frente o Cel. Nicanor Crespo com sua força, dizendo que era fraca sua linha de resistência em relação ao número do inimigo que avançava do mato para o campo da luta. Ordeno-lhe: — “Desça para essa sanga que está aí abaixo e sigam fazendo fogo contra o inimigo, que com os atiradores que tenho a meu lado não deixarei o inimigo baixar daquela coxilha em que está.” Eu estava a cavalo e olho para os homens que ali estavam fazendo fogo contra o inimigo, e estes tinham montado em seus cavalos para retirarem-se. Ordeno-lhes pé em terra!, marchem para a linha de combate, eu os acompanho! Apeio e tiro a pistola Mauser do coldre, e com ela marchei para a linha. O inimigo não baixou a coxilha. O sol já se sumia no horizonte, e o fogo do inimigo enfraqueceu.

Quando o Cel. Nicanor Crespo mandou-me informar da superioridade do inimigo em número de atiradores, mandei ordem ao Cel. Brizolara e Plínio Monte, que estavam à direita da linha de ação, ouvindo o ruído da luta e descansados, longe do perigo. Novamente mando ordem a esses homens, que viessem em proteção dos companheiros que lutavam contra um inimigo numericamente superior. Estavam esses homens inconscientes de seus deveres. Outra vez mais mandei que viessem em proteção de seus companheiros. Esses homens não ouviam a voz de comando e nem aquela da dignidade imposta pelo cumprimento do dever de solidariedade partidária.

Já os disparos eram rareados, e a noite se aproximando, o Cel. Brizolara e Plínio

se apresentam a mim. Digo-lhe: — Coronel Brizolara, retire para trás daquele cerro (Cerro Canguçu), mas vá margeando esse mato e, por segurança, apeie-se e puxe o cavalo pelas rédeas. Este conselho ele obedeceu mais ligeiro que a ordem de vir em proteção de seus companheiros que lutavam desesperadamente. O Cel. Nicanor Crespo e toda a força que lutara, eu já havia mandado retirar para trás do cerro, onde já estavam os feridos, em uma casa que ali havia.

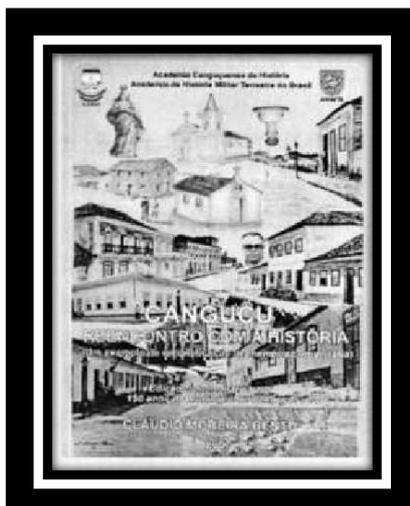
Depois de retirada a força que havia lutado, deixei o Ten. Cel. Felipe Conca com seu esquadrão guardando aquele ponto até escurecer, mas recomendei-lhe: — Tenha cautela sobre esse mato que está em sua retaguarda. A poucos momentos de eu deixá-lo, em meu lugar foi ele ferido.

Chegando à casa (de seu Agripino?) de trás do cerro onde estavam os feridos, fui vê-los e animá-los, pois se havia telegrafado à Cruz Vermelha de Pelotas, que ao dia seguinte viria atendê-los.

Chegando o Ten. Cel. Conca, último que deixava o campo da luta, ao ponto onde estava a coluna, encetamos a marcha rumo a Bagé, até um ponto que deixamos obliquando à esquerda e marchando mais uma hora rumo ao arroio Piratini, no passo da Mangueira. Desse ponto marchamos rumo do Cerro Chato, estação da estrada de ferro. Por ai passamos, margeando a estrada de ferro até a estação Basilio, onde recebi 6 Mauser e 5.000 tiros trazidos pelo Cap. Elpídio Martins. De Basilio, sempre margeando o leito da estrada de ferro, chegamos perto da estação Maria Gomes em Piratini (Cerrito), acampando junto à estância da Sucessão Botelho, onde esperávamos uma munição que nos devia trazer o Cel. Perico Costa. Zeferino Costa Filho, pequeno criador em Pelotas, veterano da revolução de 1893 e membro Influente do Partido Libertador. A Estação estava guarnecida pelo batalhão da Brigada Militar comandado pelo Ten. Cel. Amadeu Massot e mais um Regimento de Cavalaria comandado pelo Major Aldrovando Leão. Sendo descoberta por essa força a posição de nossa força, marchamos a segunda noite que ali nos achávamos.

Todo o dia anterior e à noite choveu muito, os arroios cresceram, tornando precária a sorte da coluna, que estava com a direita atacada pelos arroios Piratini e seu afluente Santa Maria cheios, à esquerda o rio Jaguarão também cheio, à retaguarda o rio São Gonçalo, à frente um ponto muito estreito para a saída e sobre as pontas do arroio Telho.||

O Combate de Canguçu Velho como o autor o abordou em seu livro Canguçu encontro com a História em 200 (capa ao abaixo) Disponível no Google.



Netto acampou em Canguçu-Velho junto às ruínas do mangueirão de pedra e sobrado que haviam pertencido à sede Real Fitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu 1783/1789. Ali esperava o major Adolfo Barbosa Brockmann que com um piquete fora a Pelotas buscar armas e munições. A posição dominante é apoiada ao norte pelo cerro Canguçu. A leste era limitada por uma vegetação mais cerrada sobre elevações da Favila, último reduto dos índios Tapes e conhecida no tempo do Império por terra dos Tapes. Neste local justamente encontravam-se os corpos ao mando dos coronéis Garcia Nunes e Hipólito Ribeiro e uma fração do 5º Batalhão de Cavalaria da Brigada Militar, ao comando do capitão Campos Pacheco. A sentinela do acampamento de Netto notou certa movimentação na Fávila. Foi reconhecer o local o capitão Herculano Dutra, comandante da Vanguarda, na certeza geral que era o major Brockmann que retornava. Ao mandar, o que julgava amigos, aproximarem-se teve lugar o início do combate sob a forma de tiroteio que logo a seguir generalizou-se, durando do meio-dia até o anoitecer, (cerca de 8 horas) Netto retraiu com seus homens até às cercanias de Canguçu, reagrupando-os no Posto Branco. Atração mais duramente atingida foi a do major Herculano Dutra. Ao retrair combatendo, seus homens foram sendo abatidos em diversos locais da Fávila, até a velha Fitoria, onde alguns depois foram sepultados. Em 1951 O Prefeito, Conrado Ernani Bento, mandou exumar os restos desses combatentes e colocá-los em cemitério especial ao lado da estrada defronte a casa de Ricardo Schellin.

Os restos mortais dos revolucionários major Álvaro Ribeiro Lemos e do tenente Jorge Elejalde foram sepultados no cemitério local e a guarda perpétua dos mesmos foi confiada ao povo de Canguçu.

Segundo MORAES, Victor, Reminiscências de 23, **Correio do Povo**, Porto Alegre, 19 de Setembro de 1981 (suplemento) com apoio em parte do Cel Hipólito Ribeiro, houve 22 mortos revolucionários e 6 governistas. Entre os primeiros: major Álvaro Lemos, de Pelotas; tenente Jorge Elejalde, de Porto Alegre; Ávila, de Pinheiro Machado. Entre os últimos mortos: sargento Anselmo e soldado João, mortos em Canguçu, para onde foram transportados feridos e idem o sargento Ballejas falecido em Pelotas e, no local do combate, os soldados Barbosa, Viera e Luiz Nunes. Conclui-se que o combate de Canguçu-Velho provocou 28 mortos, sendo, portanto, o mais violento desta. **Os soldados Barbosa, Veira e Luiz Nunes foram os sepultados em Canguçu Velho.**

Recordando a tomada de Pelotas pelo General Zeca Netto Um ataque de surpresa a Pelotas, ao alvorecer

Recordando o que já havíamos escrito sobre a tomada de Pelotas no seu 80º aniversário com alguns complementos.

Em 29 de outubro de 1923, numa segunda feira, no contexto da Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul, que durou 300 dias e contra o Presidente do Estado, Dr. Borges de Medeiros, o canguçuense General Revolucionário José Antônio Mattos Netto (Zeca Netto), atacou Pelotas, de surpresa, ao alvorecer e a manteve sob seu controle por cerca de 6 horas, sem no entanto dominar a reação governista de contingente do 1º Corpo Provisório abrigado na Sociedade Agrícola de Pelotas, ao comando do canguçuense, nascido no Cerrito Capitão Orlando Cruz. Sociedade Agrícola (atual Consulati) situada entre a antiga Usina de Bondes da Light e a atual Escola Técnica Federal. Esta, na época, a antiga Escola de Artes e Ofícios que também abrigava um contingente governista do 1º Corpo Provisório da Brigada Militar.

Zeca Netto reedita em Pelotas ações de seu tio e ídolo militar General Netto

Zeca Netto nesta 3ª tentativa, agora bem sucedida, de atacar Pelotas, reeditava, assim, feito de seu tio, General Antônio de Souza Netto que na Revolução Farroupilha, 87 anos antes, havia conquistado Pelotas, com a sua Divisão Liberal, depois da vitória de Seival, em 10 de setembro de 1836 e Proclamação da República Riograndense, no dia seguinte, em Campo do Menezes. Zeca Netto no combate da Coronilha e do Cerro Partido atuava no mesmo cenário de seu tio Antônio Netto nos combates de Canguçu, próximo da Coronilha em de 25/26 de outubro de 1843 e no Combate de Canguçu (2º) em 6 de novembro de 1843, próximo do Combate do Cerro Partido, na tentativa dos generais Bento Gonçalves e Antônio Netto desalojarem da vila de Canguçu a Ala Esquerda do Exército Pacificador do Conde de Caxias, que ali estabelecera a sua base de Operações em agosto de 1843, cerca de dois meses antes. Combates que resgatamos em detalhes em nosso **Canguçu reencontro com a História**.

Divisão Liberal de Netto com que conquistara Pelotas e integrada por transformação do Corpo de Guardas Nacionais de Piratini, constituído por forças mobilizadas neste município em seus distritos da época de Bagé, Canguçu e Cerrito, e reforçada pelo Corpo de Lanceiros Negros Farrapos. Estes em grande parte mobilizados nas charqueadas de Pelotas.

Divisão Liberal que em Pelotas acantonou no recém inaugurado Teatro Sete de Abril. Na ocasião Antônio Netto prendeu o Major Manoel Marques de Souza, futuro Conde de Porto Alegre, em sobrado na esquina seguinte do Clube Caixerai, na rua Félix da Cunha, depois de ameaçar o explodir com um barril de pólvora, o enviando preso para Porto Alegre, no barco prisão Presiganga, de onde mais tarde escapou e liderou a retomada definitiva de Porto Alegre aos farrapos. Zeca Netto, era filho de Rafaela Mattos com um irmão do General Antônio Netto e sobrinho do Tenente Coronel Honorário do Exército Théophilo de Souza Mattos, nosso bisavô materno, que comandara um Corpo da Guarda Nacional de Canguçu na Guerra do Paraguai e que no ataque a Pelotas, em foco, alguns de seus netos acompanharam o primo Zeca Netto.

Conquistar Pelotas um antigo sonho do General Zeca Netto

Conquistar Pelotas, a 2ª cidade do Estado e centro de operações do Governo do Estado fora um objetivo visado em três ocasiões pelos revolucionários para chamar a atenção do Brasil para a causa pela qual lutavam e tentar assim uma intervenção federal no Estado. Pelotas era um local com muitos adeptos à causa revolucionária e a

ela forneciam armamentos, munições e informações preciosas sob o dispositivo defensivo militar governista. Informações que permitiram a Zeca Netto, desta vez, planejar e executar seu ataque sobre os objetivos que conhecia em detalhes. E julgam alguns, com reforços recebidos em Pelotas no dia do ataque. E com a indiferença de muitos defensores de Pelotas, inclusive do intendente Cel Pedro Osório de que era mais uma ameaça de Zeca Netto como as duas anteriores a não se concretizar.

Entre atacar Bagé ou Pelotas segundo Zeca Netto, em suas **Memórias**, sua decisão se baseou nas seguintes considerações estratégicas:

"Bagé é uma praça de guerra e ponto de defesa de nossas fronteiras desde os tempos do Brasil Colônia. E Pelotas é uma cidade central e comercial e que se encontra no momento sem defesa. Pois quem a defende com suas metralhadoras é o Ten Cel Emílio Massot que por ordem superior seguiu para a região serrana para completar o cerco da força do General Honório Lemos."

Pelotas ficara então defendida por uma ala do 1º Corpo Provisório da Brigada Militar comandada pelo Major Aldrovando Leão, ex-sargento do Exército que cursara a Escola de Sargentos. O vice-intendente do 1º distrito de Pelotas era o Tenente Francisco Jesus Verneti, comandante da Guarda Municipal. E ambos tombariam mortos na defesa de Pelotas. A defendia também a Guarda Republicana e a Polícia Civil.

Os efetivos em presença no assalto e na defesa de Pelotas

Segundo colheu Aldo Ladeira Ribeiro e publicou em seu **Esboço da Brigada Militar do Rio Grande do Sul**, em 1953, inclusive a parte de combate do 1º Corpo de Provisório do Capitão Orlando Cruz que substituiu o Major Aldrovando Leão e, mais, o telegrama do intendente Cel Pedro Osório ao presidente do Estado Dr Borges de Medeiros, o efetivo encarregado da defesa de Pelotas era de 121 homens contra, segundo Zeca Netto em suas **Memórias** (p.100),

"Com os seus 250 atacantes bem armados e com 50.000 tiros depois de reforçado, em caminho, no município de Canguçu, com um piquete de 30 homens decididos e valentes, com 30 fuzis Mauser e 30.000 tiros."

Até então a maioria de sua força, bem montada, trazia como armamento uma variedade enorme do que conseguiram reunir em suas casas. Alguns fuzis antigos, revólveres, armas de caça, facas, adagas, boleadeiras e até lanças improvisadas de madeira de lei, armando alguns piquetes. E mais um bom estoque de cravos de ferraduras para ferrar a cavalhada, o que era feito nas ferrarias ao longo do itinerário por ferradores de sua força.

O efetivo defensivo foi assim distribuído, segundo o Cel Pedro Osório:

"Ala do 1º Corpo Provisório na Sociedade Agrícola - 80 homens.

1º Posto Policial, atrás da Intendência -13 homens. Comandante Tenente Francisco Jesus Verneti.

2º Posto Policial 6 homens. Chefe comissário Arruda, no porto ao lado da Alfândega.

3º Posto Policial 7 homens. Chefe comissário Olímpio, no atual albergue noturno na rua padre Felício.

Efetivo do Corpo de Bombeiros 13 homens, ao comando do Tenente Luís Felipe Abarahy.

A Guarnição Federal era constituída pelo 9º Batalhão de Caçadores do Exército, o atual Regimento Tuiuti, o Regimento do Brigadeiro Antônio Sampaio que aquartelava no edifício hoje ocupado pelo Batalhão da Brigada Militar e tinha ordem de ficar neutro na contenda, na proteção do patrimônio federal e bancos. Seu comandante era o Ten

Cel Arthur Cantalice.

Servia neste batalhão como aspirante, Cícero de Góes Monteiro, irmão do mais tarde General Aurélio de Góes Monteiro, comandante militar da Revolução de 30. Cícero na Revolução seguinte de 32, pereceu em combate no Vale do Paraíba, como oficial do 9º Batalhão de Pelotas, para lá destacado para combater revolucionários paulistas. Ele presenciou, como neutro, o ataque a Sociedade Agrícola de seu observatório na Usina de Bondes.

Surge a oportunidade ideal para o ataque a Pelotas

A oportunidade esperada de tomada revolucionária de Pelotas surgiu no momento em que a 3ª Brigada Provisória do Sul, ao comando do canguçuense Cel Juvêncio Lemos se encontrava em Piratini e o Ministro da Guerra, General Setembrino de Carvalho, o Pacificador do século XX, (Revolta do Padre Cícero, Revolta do Contestado e Revolução de 23) e filho de Uruguaiana, que enviado pelo Presidente da República, encontrava-se no interior do Estado em gestões positivas visando a Paz de Pedras Altas o que terminou de conseguir de forma notável, segundo o Dr Sérgio da Costa Franco, em seu livro **A Paz de Pedras Altas**.

O violento combate de Canguçu Velho, 2 meses e meio antes

O sangrento combate de Canguçu Velho de 14 de agosto de 1923 na área das ruínas do antigo sobrado sede e mangueirão de pedra da antiga Real Feitoria do Linho Cãnhamo do Rincão do Canguçu 1783/89, foi o mais violento da revolução, com 22 baixas fatais para os revolucionários e 6 para os governistas.

Combate que ocorrera há pouco mais de dois meses, entre forças de Zeca Netto e governistas ao comando dos coronéis Juvêncio Lemos e Hipólito Ribeiro Junior. Este filho do canguçuense General Hipólito Ribeiro.

Este combate havia reduzido a coluna de Zeca Netto, e a deixado desmuniada e com sua cavalaria enfraquecida pelo inverno. E mortos em combate e entregues a guarda perpétua da comunidade canguçuense, onde até hoje se encontram seus restos mortais, mas esquecidos, o Major Álvaro Ribeiro Lemos, de Pelotas e o Tenente Jorge Elejalde de Porto Alegre.

O Cel Hipólito então encarregou o Tenente Ernesto Ignácio Pinheiro, avô do historiador Cairo Moreira Pinheiro e que era o Oficial de Dia, para sepultar os mortos no local onde tombaram, e num gesto cavalheiresco também os mortos revolucionários ali tombados, os quais, em 1951 foram mandados exumar pelo prefeito Conrado Ernani Bento e colocados sob a proteção de um cercado Em 1972 fui ali fotografado tendo ao fundo dois filhos meus, hoje capitães de Mar e Guerra da Marinha do Brasil. Em 2008 voltei ao local em companhia de Cairo Moreira Pinheiro e constatei que aquele local originara um cemitério, conforme foto que tiramos na ocasião. Mas ninguém naquela região sabia daquela História.

A marcha de 45 dias de aproximação para o ataque a Pelotas

Em 14 de setembro, Zeca Netto operou junção na fazenda Capão Alto, em Bagé, com forças do General Revolucionário Estácio Azambuja.

Daí marcharam ao longo do itinerário Bagé, Lavras do Sul, São Gabriel, São Sepé e Caçapava, atingindo o arroio Irapuá, com suas águas crescendo, obrigando a coluna Zeca Netto a atravessá-lo, de pronto, e acampar na outra margem protegido da atuação adversária.

O General Estácio, perseguido pelo governo, na impossibilidade de atravessar o Irapuá, que estava a nado, margeou o arroio até se bater em Sevalsinho com forças do Governo e com sérias baixas em ambos.

Zeca Netto prosseguiu e foi reforçado pelo Coronel Coriolano de Castro, de Caçapava, homem que se singularizou por laçar com o pé esquerdo e descendente de Dragões do Rio Pardo e biografado pelo historiador de Caçapava Arnaldo Luis Cassol e parente do saudoso amigo Humberto Castro Fossa, historiador de Encruzilhada do Sul e ambos meus grandes companheiros no Instituto de História e Tradições do RGS.

Em 25 de setembro a Coluna Zeca Netto penetrou no município de Encruzilhada e, fingindo, fizeram crer que atacariam a vila de Encruzilhada. Mas rumaram a noite para o Passo do Marinheiro no rio Camaquã, que foi atravessado numa balsa e em canoas e a cavallada, a nado, durante três dias.

Ai segundo Zeca Netto,

"existia uma balsa e improvisamos com arame liso de cercas uma maromba, ou cabo guia, para a balsa ir e vir presa, a uma argola à maromba. E no seu deslocamento saia chispas da maromba atritando na argola e sob a pressão de forte correnteza, ao ponto de queimar os arames. Numa travessia a balsa, com o rompimento da maromba foi rio abaixo, dando grande trabalho para a colocar em posição."

Dali, atingiram o município de Canguçu de onde, pelo Passo do Costa, atingiram Piratini no dia 7 de outubro, onde receberam em caminho reforços em, homens, cavalos e munições.

Em 14 de outubro, em Marcelino, na Serra das Asperezas, contraforte da Serra do Veleda, em Piratini, enfrentaram, sob a proteção de uma cerca de pedra, o Coronel Juvêncio Lemos. O General Zeca Netto, sem perder o objetivo - atacar Pelotas, rompeu o contato em direção a Sanga da Olaria, onde acampou.

De 15 a 24 de outubro deslocou-se pelo município de Canguçu, na região conhecida por Rincão dos Cravos, corruptela da expressão Rincão dos Escravos, por culpa de algum geógrafo improvisado que registrou a palavra sem a sílaba inicial. E, em 25, penetrou no de Piratini. Em 26 transpôs o rio Piratini, por um falso passo Mangueira e foi acampar, em 27 de outubro, na Trapeira, no município de Canguçu, próximo de Morro Redondo.

No dia 28 de outubro, em marcha forçada, pela estrada da Cascata, atingiu a meia noite, no Passo do Salso, a Chácara do Dr. Francisco de Paula Amarante, distante 12 km de Pelotas.

Ai Zeca Netto expôs sua ideia de manobra. Ataque simultâneo de três objetivos, impedindo ligação e apoio recíprocos dos mesmos.

O desenvolvimento do ataque a Pelotas ao alvorecer

A Coluna Zeca Netto com base de partida para o ataque a Tablada, nas Três Vendas, iniciou o ataque simultâneo, às 5 horas de 29 de outubro, sobre três objetivos iniciais, a serem conquistados e sem serem pressentidos pela Polícia Administrativa e surpreendendo as defesas de Pelotas.

O Ataque Principal ao comando do Tenente Coronel Felipe Conca, progredindo pela Avenida Duque de Caxias e com o seu destacamento lançado sobre o Pavilhão da Sociedade Agrícola e prédio da Escola de Artes e Ofícios, na área hoje ocupada pela Escola Técnica Federal e que concentrava o grosso da defesa governista.

O Coronel Coriolano de Castro, progredindo pela rua Professor Araújo, até a ponte de Pedra, no arroio Santa Bárbara, foi lançado com a missão de apoiar pela esquerda o Destacamento Tenente Coronel Conca, lançado sobre o Pavilhão da Sociedade

Agrícola, entre a Usina e a atual Escola Técnica Federal.

O canguçuense Major Adolfo Brockman para atacar o Posto Policial, no porto, depois de percorrer a estrada da Barbuda até as Três Vendas.

O Coronel Crespo, atuando com seu destacamento pelo centro, e progredindo pela rua 15 de novembro devia atacar a Intendência e o 1º Posto Policial atrás dela, ao lado da Escola de Agronomia Eliseu Maciel.

O Coronel Leônidas Damasceno foi lançado sobre o quartel do Corpo de Bombeiros no local até onde hoje se encontra e depois de progredir pelas ruas Barão de Santa Tecla, Argolo, Marechal Deodoro, General Telles, Andrade Neves e destas pela Gomes Carneiro até a 15 de Novembro.

Às 2 horas da madrugada todo o dispositivo do ataque e, a cavalo, iniciou a operação, com retardamento decorrente de dois incidentes superados, mas considerados providenciais, para o ataque não ser percebido por ronda governista.

Ao clarear do dia os revolucionários atingiram a Tablada, na atual região nas Três Vendas. Ao centro ia o General Zeca Netto com seu Estado-Maior, tendo como assistente Dario Crespo, seu companheiro de barraca (Derancho) que relatou esta operação em 4 artigos no Correio do Povo, em novembro e dezembro de 1962 e em abril de 1963, cinco anos depois do livro de Aldo Ladeira Ribeiro, do qual, no ano dos citados artigos, doou exemplar ao Dr Raul Azambuja, que foi intendente de Canguçu de 1921 a 1924. Localidade que foi ocupada 4 vezes pela Coluna Zeca Netto. De 15/24 de março, depois de 19/21 de abril, em 7 de julho e a seguir em 19 de julho quando ocorreu o combate do Cerro Partido no dia anterior. Depois entre 11 e 14 de agosto acampou em Canguçu Velho quando ali ocorreu o combate de Canguçu Velho.

O início efetivo do ataque a Pelotas

Avançando para o ataque, segundo Dario Crespo,

"um sinal luminoso riscou o céu dando a impressão que cairia sobre nós. A luz foi tão intensa que o nosso cavalo chegou a espantar-se, saltando para o lado. Era uma estrela cadente, na qual alguns viram um sinal de vitória e outros de agouro". E Zeca Netto lhe bateu no ombro e falou: -"A cidade de Pelotas é nossa, os céus estão prenunciando."

Quase no mesmo instante ouviu-se a primeiras descargas. E a luta duraria cerca de 5 horas. O Posto de Comando revolucionário foi estabelecido no antigo Hotel Colonial, na rua Manduca Rodrigues" (atual largo do Vernetti) e a ligação entre os destacamentos lançados ao ataque, foi feito por assistente de Zeca Netto.



Visão na época do Pavilhão da Sociedade Agrícola Pastoral. Objetivo do ataque Principal revolucionário. Fonte: Arquivo do acadêmico Flávio Azambuja Kremer, Academia Canguçuense de História e neto do Dr. Raul Azambuja, ex- -intendente em Canguçu em 1923.



Aspecto na época da Escola de Artes e Ofícios que abrigava homens do 1º Corpo Provisório da Brigada Militar. Fonte: Arquivo do acadêmico Flávio Azambuja Kremer, da Academia Canguçuense de História.

Os ataques atingiram de surpresa seus objetivos quase ao mesmo tempo. A Intendência e o 1º Posto Policial foram envolvidos pela atual praça Pedro Osório e rua Andrade Neves, em meio a intensa fuzilaria. Os revolucionários procuravam abrigo nos bancos de ferro da praça ou deitados nos seus canteiros de onde atiravam sobre a Intendência e seu fogo era respondido.

Na rua Andrade Neves foi atingido mortalmente o revolucionário Major Manoel Batista Gomes junto com o seu cavalo.

Pouco depois o comandante governista Capitão Francisco Jesus Vernetti, vice-intendente, foi ferido de morte, a bala, por um revolucionário adolescente de 15 anos, fato que os governistas, içando uma bandeira branca, pediram uma trégua para transportar o Capitão Vernetti para uma farmácia defronte ao 1º Posto Policial e um pouco mais tarde para a Beneficência Portuguesa, onde ele não resistiu a delicada intervenção cirúrgica. Vernetti era médium espírita. Nascera em Boqueirão, em São Lourenço. Era muito estimado. Sua memória é reverenciada em nome de rua no Jardim Europa, no Areai, e é patrono do Centro Espírita no bairro N.S. de Fátima, na Avenida Cidade do Rio Grande nº 541. E permanece no Largo do Vernetti, a rua Professor Araújo.

A rendição dos defensores da Intendência e do 1º Posto, mas não os defensores na Sociedade Agrícola

Depois de 5 horas de resistência, os governistas que defendiam a Intendência e o 1º Posto Policial renderam-se sendo lavrada Ata na Intendência de ocupação revolucionária de Pelotas e Zeca Netto enviou telegrama ao Presidente do Brasil, comunicando o seu feito, como a que insistir que houvesse uma intervenção federal no Estado.

Na área do aquartelamento da Sociedade Agrícola, (área da atual Consulati e da antiga Escola de Artes e Ofícios), região da Escola Técnica, o ataque foi pressentido

por uma sentinela que deu o alarme e travou-se intenso duelo a bala.

As grades de ferro da Sociedade Agrícola protegiam os defensores que ali se alojavam. E pelas janelas laterais da Escola de Artes e Ofícios os defensores despejavam intensa fuzilaria. Entre os atingidos pelo fogo, foi o comandante revolucionário Tenente Coronel Conca. E tombou mortalmente o comandante governista Major Aldrovando de Andrade Leão, atingido pelos revolucionários e mais seu irmão Tenente Henrique e o seu ajudante o Alferes Utaliz. O Capitão Álvaro Escobar foi ferido por um projétil que atravessou o seu pescoço, mas continuou lutando. Assumiu o comando o canguçuense Capitão Orlando Cruz, que não se rendeu na defesa da Sociedade Agrícola, segundo comunicação do intendente Coronel Pedro Osório ao Presidente Borges de Medeiros em que escreveu:

“O Major Aldrovando caiu mortalmente ferido, com o tempo apenas de passar o comando ao bravo Capitão Orlando Cruz.”

O Capitão Orlando Cruz omitido em descrições do ataque



Orlando Cruz não aparece nos artigos do **Correio do Povo** escritos por Dario Crespo, mas foi ele que redigiu a parte do combate, publicada em 1953 por Aldo Ladeira Ribeiro, (Juiz da Côrte de Apelação da Justiça do Estado) em seu **Esboço Histórico da Brigada Militar do RGS**, a mais rica em fontes primárias deste evento e inclusive a comunicação do Intendente Cel Pedro Osório ao Dr Borges de Medeiros.

Em nosso **Canguçu reencontro com a História**, com apoio em jornal de Piratini da década de 20, escrevemos sobre ele o que o Cel Pedro Osório confirmou:

"Em 1923, em Pelotas o mais tarde Coronel Orlando Cruz teve de assumir o comando de uma unidade (1º Corpo de Provisórios), por morte em combate de seu comandante (Major Aldrovando Leão) ocasião em que foi promovido a major".

A imprensa de Pelotas criou em torno de seu nome uma legenda, em razão da coragem e bravura reveladas no comando de seu posto na Sociedade Agrícola, o único que não rendeu-se, em reação ao ousado feito do General Zeca Neto de tomar Pelotas. Havia como capitão combatido na Revolução Federalista de 93. Participou dos combates do Passo do Mendonça, do Cerro Partido, de Santa Rosa da Pacheca e de Canguçu Velho.

Em razão disto assumiu o cargo de intendente de Canguçu de 1924-1928, passando o cargo a seu substituto, sendo promovido a Ten. Cel e assumindo o comando do 19º Corpo Auxiliar da Brigada Militar, operando com o mesmo em Cangu-

çu, Piratini e fronteiras do Uruguai e Argentina contra revolucionários de 1924/26. Reassumiu a Intendência de Canguçu em 5 de novembro 1925. Ao final de 1926 deixou a Intendência por curto período para organizar o 12º Corpo Auxiliar da Brigada Militar. Foram eleitos Conselheiros municipais 4 legalistas e 3 libertadores. E entre estes Altessor Almeida, major revolucionário, neto de Vicente Ferrer Almeida, o primeiro funcionário do criado município de Canguçu em 1857 e tio político do primeiro professor de Canguçu Antonio Joaquim Bento, por ter casado em Piratini com uma irmã de sua mãe.

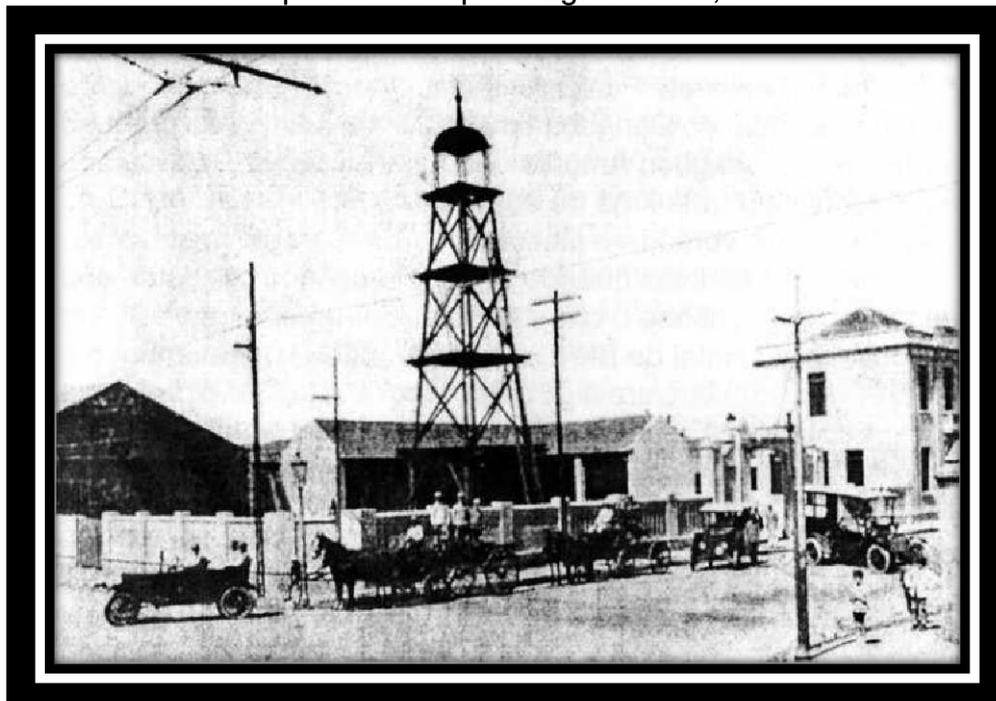
História e verdade e justiça! Aqui o repomos no seu lugar na História. O conheci quando menino e usando peças de seu uniforme de provisório o chapéu de abas largas e seu culote e hospedado no Hotel de Bié Cardoso, quando explorava um caminhão de carga que era dirigido por um filho de Bié e protegida cabine aberta por um cusco Fox, chamado de paulistinha. Outro filho de Bié conhecido como Zé Brigada havia sido soldado de Orlando Cruz.

Outros detalhes do ataque revolucionário

Ao iniciar o ataque o Major Aldrovando se encontrava em casa e atravessou as linhas revolucionárias, disfarçado de oficial do Exército. E assumiu o comando da reação, sendo atingido em seguida mortalmente e substituído pelo Capitão Orlando Cruz, por indicação do Major Aldrovando. E ao Capitão Orlando Cruz repetimos, coube redigir a circunstanciada parte de combate publicada na citada obra de Aldo Ladeira Ribeiro no citado Esboço Histórico da Brigada Militar do RGS (p.184), como comandante interino do 1º Corpo Provisório e seu Fiscal.

O contingente do Coronel Coriolano de Castro avançou até a Ponte de Pedra sobre o arroio Santa Bárbara e tomou posição no paredão da Cervejaria Ritter, defronte a Praça dos Enforcados e nas ruas em torno da Usina da Light e Pavilhão da Sociedade Agrícola. Ali ele secundou o Tenente Coronel Conca.

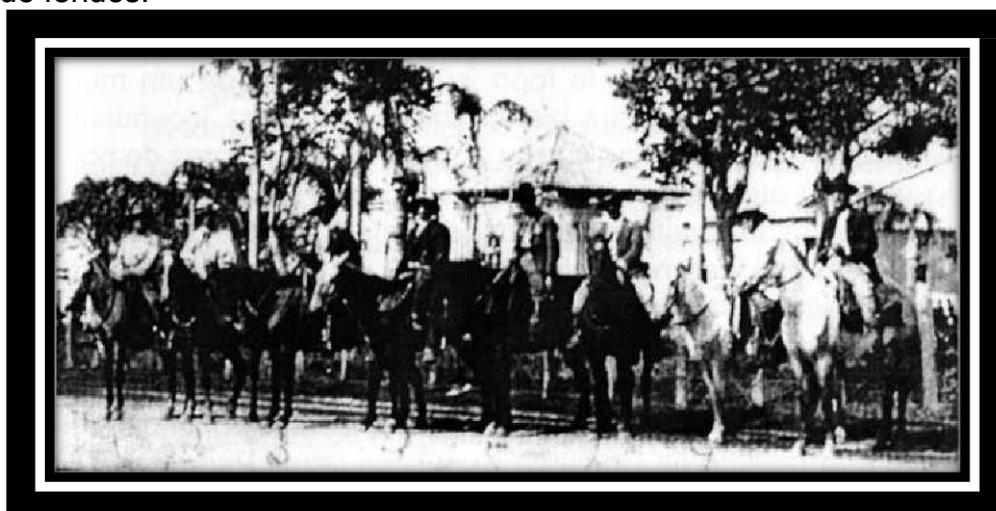
Na Ponte de Pedra foi atingido o Capitão Zeno Zielinski, que atirava de fuzil Mauser da ponte, sobre os governistas. Foi quando um tiro de fuzil atingiu a coroa de sua arma e a estilhaçou, sendo atingido no rosto pelos estilhaços e seu chapéu foi perfurado. Foi ferido neste episódio o Capitão Egídio Rosa, de Piratini.



O quartel do Corpo de Bombeiros na época com seu equipamento contra incêndio. Fonte: Arquivo do falecido acadêmico Flávio Azambuja Kremer, da Academia Canguçuense de História.

O Coronel Leonidas com pessoal de Canguçu principalmente das famílias Moreira Mattos e Prestes coube atacar o Corpo de Bombeiros. Para alcançar o objetivo esta força atravessou a trote largo as ruas Paissandu, Argolo, Marechal Deodoro, General Telles e Andrade Neves guiados pelo Capitão Ovídeo Batista. Os atacantes em posição na esquina fronteira ao Quartel dos Bombeiros romperam fogo que durou cerca de uma hora.

Finalmente a força governista ao comando do Tenente Luis Felipe Albarahy, que teve um braço fraturado ao pular um muro, rendeu-se. A rendição foi conseguida sob a ameaça de incêndio do local. Os atacantes segundo divulgaram, prenderam os defensores e apreenderam muitas armas e munições enviadas de Porto Alegre, destinadas às forças governistas dos municípios vizinhos de Pelotas. Alguns atacantes teriam sido feridos.



Um grupo de canguçuenses que participou do assalto ao Corpo de Bombeiros. Da esquerda para a direita: Valdemar Moreira Mattos, Djalma Moreira Mattos, Neco Lemos, Boaventura Centeno, Alvim Dias, Altessor Almeida, (avô do falecido prefeito de Canguçu Odilon Almeida Meskó), Tarcílio Eneias Moreira Mattos (pai do acadêmico da ACANDHIS, Moacyr Mattos) e José Moreira Mattos (pai do historiador do IHGPel, Mario Barbosa Mattos). Fonte: Arquivo do jornalista Cairo Moreira Pinheiro, acadêmico da ACANDHIS.

O Coronel Leônidas dali destacou o Major Altessor Almeida para auxiliar os atacantes da Sociedade Agrícola e Escola de Artes e Ofícios. E o Capitão Campolino Pereira foi destacado com um grupo para tomar o Posto Policial na Praça da Alfândega, no Porto, o que logrou sucesso depois de ligeira resistência. O comandante deste posto e alguns de seus homens feridos escaparam pelo Canal São Gonçalo e se internaram nas ilhas do Malandro e da Samambaia. As 10 horas da manhã o General Zeca Netto, com apoio em contingente que conseguiu reunir, avançou a trote largo, na direção da Praça da República para tomar a Intendência.

A inesperada reação de um Posto Policial desconhecido

Em caminho, na rua Paissandu, foi feita uma descarga na direção do General Zeca Netto partido de um Posto Policial (no atual Albergue Noturno rua Padre Felício). Este foi atacado e respondeu com violento fogo, sob a proteção de um muro muito alto. Ai

Zeca Netto blefou com ordem para incendiá-lo. Um popular ouvindo isto correu a avisar os defensores do posto dizendo que se entregassem senão morreriam queimados E os defensores gritaram segundo ainda Zeca Neto. “Se nos garantem as vidas nos entregamos!! E se entregaram, sendo recolhidas as suas armas e colocados em liberdade.

Neste ataque o Coronel Plínio Monte foi ferido levemente na mão esquerda. Removida esta resistência o General Zeca Netto rumou para a Intendência, sendo aclamado por onde passava e em delírio na Praça da República (atual Pedro Osório) onde foram recebidos com discursos.

Zeca Netto toma a Intendência com lavratura de Ata e nela hasteia a Bandeira Nacional

O General Zeca Netto boleou a perna de seu zaino escuro e subiu as escadas da Intendência tendo sido o seu ponche cortado em suas franjas por senhoras e moças, como lembrança. Zeca Netto a concluir-se de Dario Crespo estava consciente de estar reeditando o feito de seu tio General Antônio Netto de conquistar Pelotas na Revolução Farroupilha.

Na Intendência o General Zeca Netto hasteou a Bandeira Nacional. Em seguida em seu Salão Nobre foi lavrada a Ata de tomada de Pelotas. E mais foi passado em seu nome um telegrama ao Presidente da Republica Dr Arthur Bernardes de que uma coluna revolucionária havia se apoderado da 2ª cidade do Estado. Isto visava tentar que o Rio Grande do Sul fosse alvo de uma intervenção federal.

E no Pavilhão da Sociedade Agrícola a ala do Corpo Provisório ao comando do Capitão Orlando Cruz oferecia resistência, entrincheirado. E o General Netto, segundo Dario Crespo, não autorizou ataque ao 1º Corpo Provisório,

“em razão do objetivo político revolucionário ter sido conquistado, ou seja, a tomada simbólica de Pelotas e a resistência na Sociedade Agrícola estar isolada e cercada. Era preciso poupar sangue.”

A tomada espetacular de Pelotas chamou a atenção do Brasil para os revolucionários quando o Ministro da Guerra se encontrava em sua missão de paz na Região Serrana rumo a Porto Alegre e a força do Cel Juvêncio Lemos se encontrava em Piratini.

O ataque militar a Pelotas completou seu objetivo político: chamar a atenção de forma espetacular sobre o regime político gaúcho inspirado no Positivismo e sem alternância no poder. Mas o Dr. Borges de Medeiros continuaria no poder até 1927, sendo substituído por Getúlio Vargas.

A retirada revolucionária de Pelotas

As 16 horas, a força atacante foi reunida. E em seguida foram até o Comandante da Guarnição Federal, neutra na disputa, para entregar-lhe Pelotas a sua guarda e proteção. A recebeu o Tenente Coronel Arthur Cantalice, comandante do 9º BC (atual 9º BIMtz).

O 9º BC durante o ataque e tomada de Pelotas, como neutra, guardava as repartições federais, os bancos e a Usina da Light. Revolucionários protegeram o **Diário Popular** para que não fosse empastelado, por seus adeptos em Pelotas,

A Coluna Zeca Netto comportou-se com disciplina e correção. Os abusos correram por conta de alguns provisórios que fora denunciados ao comandante da 3ª Região Militar pelo comandante do 9º BC. Rendidos os defensores e tomadas suas armas, eram colocados em liberdade sob o compromisso de não pegarem em armas contra os

revolucionários.

A Coluna do General Zeca Netto foi reunida na Tablada, próximo do atual Aeroporto, ao entardecer. E dali ela partiu rumo a São Lourenço do Sul indo acampar sob a proteção da serra. O General Zeca Netto e comitiva jantaram na casa comercial de Carlitos Brauner, retornando ao acampamento as 20 horas, onde foram visitados pelo comandante do 9º Batalhão de Caçadores Tenente Coronel Arthur Cantalice. Em 30 de outubro, as 10 horas, a Coluna Zeca Netto levantou acampamento rumo a localidade de Camaquã, onde residia o General Zeca Netto, Ali sua coluna, que se encontrava mais forte do que no início da Revolução, foi dissolvida em decorrência da Paz de Pedras Altas.

Os mortos e feridos e presas de guerra tomadas em Pelotas

A Coluna Zeca Netto, segundo Dario Crespo teve 4 mortos e 17 feridos nesta operação e, por outro lado, arrecadou bom material bélico, além de 160 cavalos e 102 arreios.

Segundo o intendente Cel Pedro Osório, em telegrama ao Dr Borges de Medeiros,

“os revolucionários levaram dos postos policiais 82 fuzis Mauser, que haviam sido cedidos pelo 1º Corpo Provisório; 300 fuzis Manulichers, sem munição e em mau estado; 30 fuzis Comblain inservíveis e, 6.000 tiros de vários calibres. Também levaram a cavahada dos postos policiais e inclusive de alguns particulares, e algum armamento destes.”

Nos jornais **A União Republicana** e **Diário Popular** foram quebrados os vidros e inutilizados alguns móveis. O elemento adversário pelotense auxiliou materialmente os invasores avolumando a impetuosidade do ataque... a minha impressão é que as forças de Zeca Netto era de 400 homens, mais ou menos, bem montados e armados. Os nossos mortos foram 11, sendo o Tenente Verneti sub intendente do 1º Distrito e 3 oficiais, o Major Aldrovando, o tenente Henrique Leão e o alferes Utalis Soares. E mais um guarda municipal e 6 soldados do 1º Corpo Provisório. Os inimigos tiveram muitas baixas, e levaram alguns feridos. Na cidade calcula-se 40 mortes de ambos os lados. Foram mortos 4 transeuntes e feridos 7, inclusive 4 mulheres.||

O Cel Juvêncio Maximiliano Lemos contara na véspera 235 revolucionários que segundo ele foram reforçados no ataque por alguns pelotenses que se juntaram aos atacantes. Seu cálculo coincidiu com o que afirmou Zeca Netto. A residência do intendente Cel Pedro Osório foi cercada, mas ele foi respeitado e nenhuma ação foi feita contra ele. (Revolução de Cavalheiros!).

Faltou aos defensores de Pelotas acionarem suas informações para detectar um ataque a Pelotas. E se não o fizeram foi talvez por terem subestimado a capacidade dos revolucionários, desprezando informes que Zeca Netto iria atacar Pelotas, quando deveriam ter lançado posto avançados de vigilância e patrulhas sobre as prováveis vias de acesso a Pelotas. Mas não fizeram. E isto se entende pois não eram profissionais em Arte Militar. De outro lado Netto sabia que o Cel Juvêncio se encontrava em Piratini onde dera 3 dias de descanso a seus homens. E creio que Zeca Netto foi o introdutor do grampo telefônico, pois possuía em sua tropa um elemento que subia nos postes telefônicos e com m telefone escutava as comunicações do governo com sua tropa. Mas foi preciso deixar Pelotas depois deste feito, por não possuir condições de equipamento e material bélico para enfrentar a força estadual em seu encalço, ao comando do Cel Juvêncio Maximiliano Lemos. E para compensar a inferioridade bélica ele tinha que andar escapando a encontros decisivos para continuar chamando a

atenção do Brasil para a sua causa. Foi o que faria a seguir a célebre Coluna Miguel Costa/Prestes, impropriamente chamada Coluna Prestes, segundo ele próprio. Coluna que percorreu o Brasil, mantendo-se em campo e fazendo grande propaganda da causa que defendia que iria desaguar na vitoriosa Revolução de 1930 liderada por Getúlio Vargas, na qual o Rio Grande ficou de pé pelo Brasil.

Traços do perfil militar de Zeca Netto



Um grupo revolucionário integrante do Estado - Maior do General Zeca Netto. Fonte: História do Exército Brasileiro, v.3.p. 895 ss.

Ele estudou em Porto Alegre no Colégio de Fernando Ferreira Gomes e ali foi impregnado pela cultura romana e por sua destacada figura militar Júlio César, o conquistador das Gálias.

No Rio de Janeiro para onde seguiu aos 16 anos, depois da Guerra do Paraguai, onde dois tios seus lutaram, o paterno Gen Antônio Netto e o materno Ten Cel Honorário do Exército Theóphilo de Souza Mattos e que lá comandou os Guardas Nacionais de de Cavalaria deCanguçu. Naquele ambiente no Rio de vitória militar ele estudou no Colégio Barão de Thaupheus, um curso preparatório para a Escola Central do Exército, ao Curso de Engenharia Civil que frequentou por menos de um ano. E ali tomou contato com a problemática militar do Brasil. E nestas escolas e ambientes tomou contato com os grandes capitães da História Militar Mundial: César, Alexandre, Aníbal e Napoleão, conforme referiu em suas Memórias. Assim Zeca Netto não poderia ter tido melhores inspirações militares. E mais importante era a sua consciência dos feitos de seu tio General Antônio Netto de que herdara o Antônio de seu nome e com o qual convivera e tinha 15 anos quando ele morreu na Guerra do Paraguai.

Zeca Netto usava muito a expressão obliquar a direita ou a esquerda, denominação que acreditamos tenha colhido da Arte Militar grega que passou a revolucionar o emprego de suas falanges quando elas passaram a adotar a ordem oblíqua com sucesso. Ordem oblíqua usada pela primeira vez pelo General Epaminondas, de Tebas nas batalhas de Leutras no ano 371 antes de Cristo e na de Mantínia, no ano 366 antes de Cristo, revolucionando assim a Arte Militar. Formação que passaria a ser a preferida de Alexandre o Grande. E Zeca Netto percebeu esta mudança e daí o usar a expressão obliquar a direita ou a esquerda. O general Zeca Netto ao referir-se com respeito e admiração a bravura dos defensores de Pelotas mortos na ação, lembrava de certo modo seu tio General Antônio Netto que admirava a coragem e a bravura fosse de quem fosse e mandou sua tropa desfilar em continência ao corpo do Cel do

Exército Gabriel Gomes pela bravura revelada em combate em Triunfo, em 18 de agosto de 1838, e que escolheu morrer de espada em punho numa batalha desigual do que render-se a rebeldes.

“General Zeca Netto e seu cavalo durante a operação que culminou com a sua espetacular tomada de Pelotas em 29 de outubro de 1923, com a idade



de 72 anos, vindo a falecer aos 94 anos em 1948. Fonte: História do Exército Brasileiro, v.3.p. 895 ss.

Tenente-Coronel João Paulo Prestes. Comandou o contingente revolucionário de Canguçu nessa revolução até tombar morto em ação, no combate de Passo do Mendonça, atingido por um balázio na frente, ao carregar sobre uma posição adversária que punha em sério risco a vida de seus comandados. Era um homem justo, bom e idealista. Era sobrevivente do Cerco do Rio Negro, em Bagé, do qual escapou ao custo de grandes sacrifícios e sofrimentos. Comandou, em 1885, o 34º Corpo da Guarda Nacional Foi secretário do primeiro Clube Republicano de Canguçu. Sua ação comunitária foi destacada. Foi vice-intendente e conselheiro municipal. Atuou muito na Imprensa local. Era líder maçom e por ocasião da Gripe Espanhola, agigantou-se pelos desvelos que teve com o risco da própria vida, com os canguçuenses atingidos por este mal. Deixou grande descendência. Seu nome ilustre merece uma homenagem que o immortalize na memória local. Está sepultado em Canguçu no mausoléu da Família Prestes que tanto soube honrar e elevar. Era um bravo. Serviu Canguçu durante 40 anos. O prefeito Conrado Ernani Bento, entronizou sua foto no Salão de Honra da Prefeitura e agora integrando a Casa da Cultura. A homenagem que então lhe foi prestada foi registrada no Livro de registro histórico pelo citado prefeito hoje patrono da ACANDHIS. Livro existente no Museu Municipal que foi aberto em 1856 com a posse como 1º professor régio para meninos de Canguçu do Professor Antônio Joaquim Bento, hoje consagrado como nome do Teatro Municipal de Canguçu por haver sido o pioneiro, em 1862, do Teatro em Canguçu no local da atual Câmara de Vereadores.

Veteranos Canguçuenses de 23

Além dos citados e com apoio no Grupo Flor de Láscio em pesquisa realizada por um grupo de jovens sob a liderança da falecida professora Marlene Barbosa Coelho e preservada em meu Arquivo Pessoal, a ser destinado a ACANDHIS, tão logo sua sede seja construída entre a Casa da Cultura e o Teatro Professor Antonio Joaquim Bento, com a frente voltada para a Praça Dr. Jaime de Farias.

Governistas: Antonio Soares, Antônio Coutinho da Rocha (Avô da Professora

Arzelinda), Hugo Motta (pai dos irmãos Dilermando e Ferdinando Mota) e Francisco Andronico Mota (morto em Passo do Mendonça), Joaquim Carvalho Motta, Antônio Francisco Pinto, Celso Cardoso, Sílvio Rosa, (pai de Jair e de numerosa família) Antônio Morales. (A relação é incompleta).

Revolucionários: Juvêncio Prestes, Leônidas Damasceno, Leão dos Santos Terres (pai de meu falecido amigo Ari Couto Terres), Altessor Almeida, (avô do ex-prefeito Odilon Almeida Mesko) Adolfo Brockmann (pai de Germano Brokman), irmãos Valter e Valdemar Oliveira Prestes, (Valter consagrado patrono de cadeira na ACANDHIS e pai dos acadêmicos da ACANDHIS Drs. Ione, Lucio Newton e Nilson M. Prestes) Djalma, José (pai do Eng.º Agrônomo Mário Barbosa Mattos), Valdemar e Tarcílio Moreira Mattos (pai de Moacyr Mattos), Mário Freitas da Silveira, (Pai de Rui Silveira) Pedro (Pedrinho) Carvalho Motta, (pai do Cel da Brigada Militar Jaques Mota), João Alcídio Prestes e Maurício Luz. (A relação é incompleta).

O livro histórico da Igreja Matriz e a Revolução de 23

O padre Alberto Balaguer Valor, assim assinalou a Revolução de 23, no Livro Tombo da Igreja N.ª.S.ª da Conceição:

"Por temor ao bandido que me havia agredido e foi solto, fui para Cerrito Velho (Vila Freire). A revolução estourou em março. Todas as forças, ao contrário da Revolução de 93, respeitaram a Igreja. Os combates foram travados nas coxilhas e não no interior da vila".

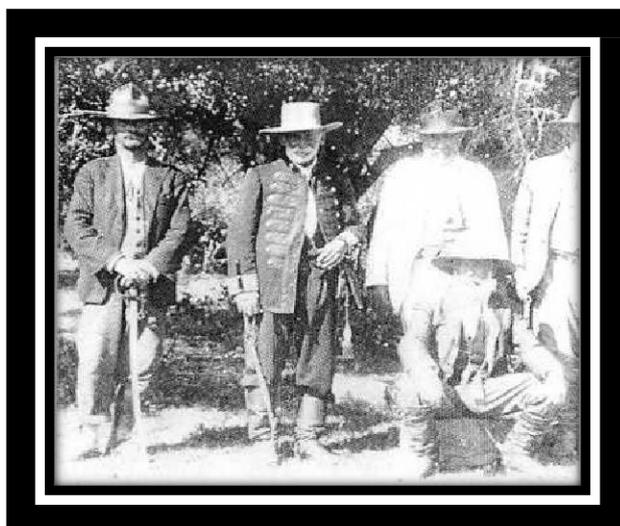
O padre fora agredido pelo espanhol Henrique dos Reis que na Espanha era casado com uma sobrinha sua. Foi um incidente grave ocorrido em 6 de Janeiro de 1922, e relatado por "ARI EROM" (Firmo Moreira), em 1957, no **Álbum do Centenário de Canguçu**.

No citado livro de Tombo, o vigário Padre Bem havia feito o seguinte registro sobre a Revolução de 93:

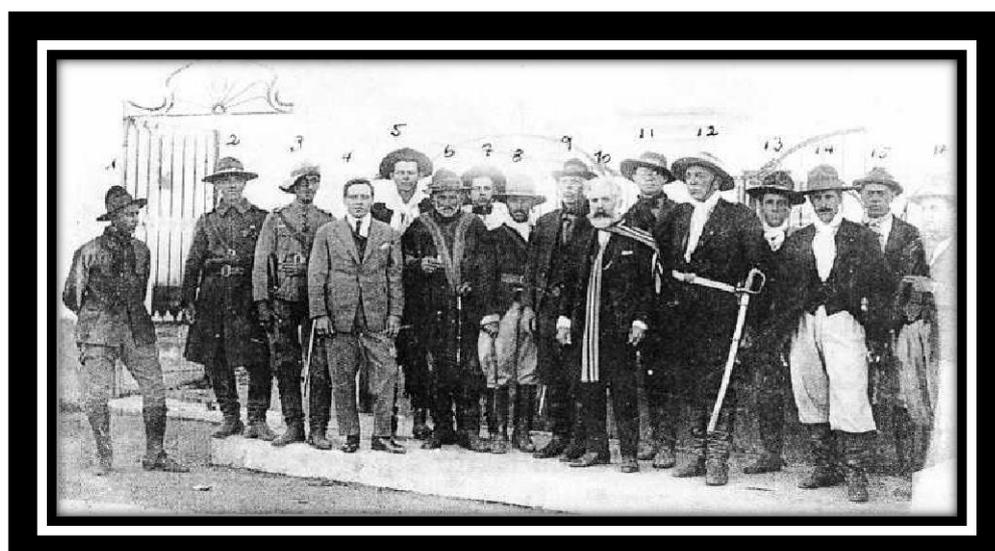
"O padre foi afugentado da Igreja, que teve suas portas escancaradas e foi ordenado o saque em seu interior, onde, à guisa de cocheiras, foram introduzidos cavalos". O padre em 93 era conhecido como Miguelsito. Creio informe exagerado!!!

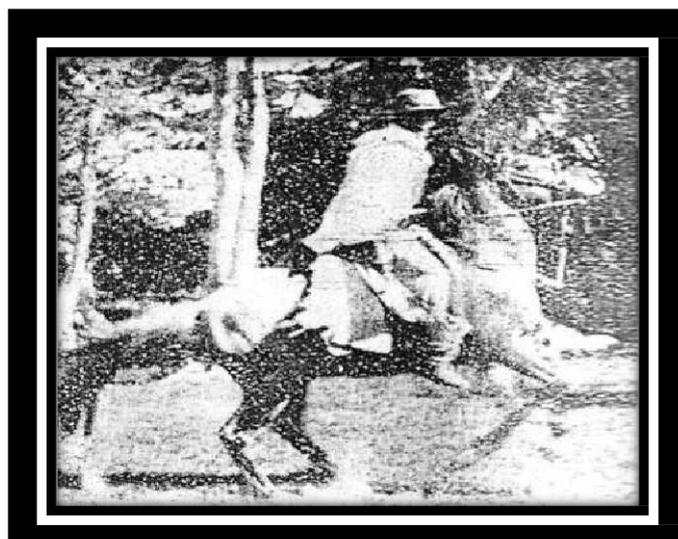


Homenagem de Fernando Barreto no Álbum dos Bandoleiros da Revolução Sul-Rio Grandense aos revolucionários em Canguçu. Da esquerda para a direita de cima para baixo em ordem revolucionária hierárquica. Cel João Paulo Prestes, morto no combate de Passo do Rosário, Cel Juvêncio Prestes, irmão de João Paulo e ambos veteranos de 93 em defesa do mandato de Júlio de Castilhos, Tenente Coronel Dr. Jayme de Farias presidente em Canguçu da Aliança Liberal e mais tarde Prefeito de Canguçu de 1937-1945 nomeado pelo Estado Novo, Major Altessor Almeida, Capitão José Theophilo Moreira Mattos (Zequinha) e seu irmão Capitão Djalma Paulino (Moreira) Mattos, Capitão Maurício Luz (ferido 2 vezes no combate de Passo do Mendonça), Tenente Tarcilio Enéas (Moreira) Mattos, Alferes Walter de Oliveira Prestes, hoje patrono de cadeira na ACANDHIS, Alferes Germano Prestes com 18 anos, foi ferido a bala 2 vezes no combate de Passo do Mendonça e o Sargento Juvenal dos Santos aos 16 anos. Eram filhos de Canguçu, menos o Dr. Jaime de Farias. Eram irmãos José Theophilo, Djalma e Tarcilio filhos de e Amenaide Moreira Mattos.

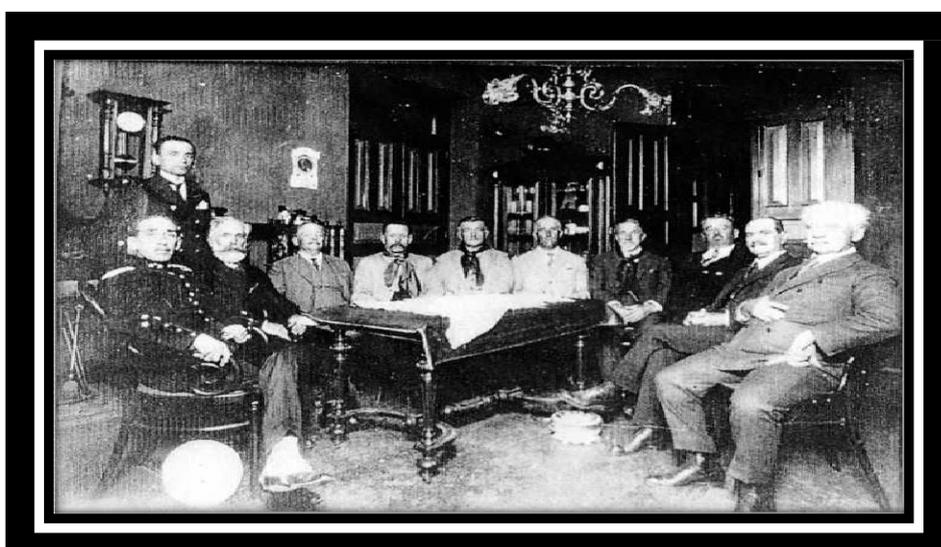


Na foto acima Zeca Netto sentado e de pé da esquerda para a direita Cel Brizolara, Damasceno Pedroso e Cristóvão de Andrade. Na foto abaixo tirada em Camaquã depois do Armistício onde de Canguçu figura o Cel Juvêncio Prestes.





Na foto o Ten Elejalde em Guaíba partindo para se incorporar a Força de Zeca Netto.



Em 1º plano o General Fernando Setembrino de Carvalho tendo a sua esquerda Zeca Netto em Pedras Altas, negociando a paz. O primeiro a direita é o Dr Assis Brasil, proprietário do Castelo de Pedras Altas.

Em 1843, o chefe legalista Chico Pedro havia respeitado a Igreja que inclusive restaurou com o auxílio dos soldados, seguramente seguindo orientação do mais tarde Duque de Caxias, seu comandante imediato. A revolução de 93, batizada de "Revolução de Bárbaros", contrastou, pois, com as de "Cavalheiros", de 1835 e 1923, E fez outras considerações em torno do possível destino dos terrenos doados em 1800 de N^a. S^a. da Conceição reduzidos, na época, a somente aos na qual ela foi erigida. Era um mistério que decifrei e relatei em meu livro **Os 200 anos da Igreja Matriz N.S. da Conceição de Canguçu 1800-2000**. Resende:-RJ;ACANDHIS,2000.

A História do Exército Brasileiro em 1972, produzida pela Comissão de História do Exército da qual fui o adjunto de seu Presidente, distinguiu a Coluna de Zeca Netto que atuou em Canguçu com duas fotos.

Segundo o coronel Hipólito Ribeiro Junior depois do combate de Canguçu-Velho onde teve espatifado seu binóculo por uma bala perdida, foi presenteado com os binóculos Lümor e Zeiss do major Álvaro Lemos e o do general Zeca Neto, sendo que o último pelo capitão Tertuliano Mota que mais tarde, nos anos 30, morreria em ação policial ao tentar prender Zifinho Fonseca, também morto na ocasião.

Depois de redigido este trabalho conheceremos as **Memórias de Zeca Netto**. Palegre, Martins Livreiro, 1982, Elas foram objeto de artigo nosso sob o título - "Zeca Netto - traços de seu perfil militar" publicado em maio 83 no **Diário Popular** de Pelotas e comunicado em seções dos institutos Histórico e Geográfico Brasileiro e de Geografia e História Militar do Brasil com sedes no Rio. Nelas Zeca Netto assinala a passagem por Canguçu, na Revolução de 93, de coluna do Cel. Cláudio Savaget, mais tarde general comandante de uma das colunas que arrasou Canudos na Guerra de mesmo nome, na Bahia. O artigo citado atualiza o presente trabalho.

Fontes consultadas para a presente interpretação e consultáveis para a obtenção de mais detalhes sobre o assunto

BENTO, Cláudio Moreira, Cel. A Revolução de 1923 em Canguçu. in: Canguçu reencontro com a História. Porto Alegre: IEL, 1983 (Aborda os combates do Cerro Partido e Canguçu Velho e dados biográficos dos canguçuenses General Zeca Netto, Cel Juvêncio Lemos, Cel Orlando Cruz e Cel Genes Gentil Bento).Disponível no Google a 2ed 2007

_____. General Zeca Netto. Traços do seu perfil militar. **Revista do Clube Militar** jan/ fev 1984, p. 31/33 e jornal **Tradição** do MTG, n° 112, mai 1983.

_____.A 3° Região Militar na Revolução de 1923, in: **História da 3ª Região Militar** Porto Alegre: 3ª RM, 1995, p. 252 (Cmt do 9° BC de Pelotas faz denúncias contra soldados provisórios em Pelotas).~Disponível no Google.

_____.A Guerra a Gaúcha, in: **Regionalismo Sul. Rio Grandense**. Porto Alegre: CIPEL, 1996, p. 127/134 (Organizadora lida Hubner Flores. Zeca Netto praticou este tipo de guerra).

_____. Gen José Antônio Netto in: **O Exército Farrapo e os seus chefes**. Rio de Janeiro BIBLIX, 1992, v. 1 .Disponível no Google.Dispo´nível no Google.Disponível no Google.

_____. **Real Feitoria do Linho Cânhamo de Rincão do Canguçu 1783-1789. Barra Mansa: ACANDHIS** Canguçu Prefeitura Municipal, 1992.(localização a Real Feitoria em Canguçu Velho, local do mais violento combate da Revolução de 1923).

_____.**Em Canguçu Velho Canguçu-RS. A sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu**.Barra Mansa:AHIMTB/IHTRGS/ACANDHIS,2009.Disponível no Google;

_____.Canguçu na História Militar in: **Canguçu 200 anos**. Resende: ACANDHIS, 2000, p. 62/72.Dispoível no Google;

_____.Canguçu História Militar: **Revista dos 200 anos de Canguçu**. Resende: ACANDHIS, 2000, p.93.Disponível no Google;

_____.Zeca Netto na expedição para livrar Bagé do sitio federalista - O massacre federalista em Rio Negro em 28 nov. 1893 **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. n° 370, jan/ mar 1993. Este artigo denuncia o massacre por degola da Cavalaria Civil ao comando de Ma- neco Pedroso que havia se rendido sob garantia de vida e integrada por filhos de Piratini, Canguçu, e Cerrito. História é verdade e Justiça!!!).

_____. Os 80 anos do combate de Canguçu Velho. **Diário da Manhã**. Pelotas. 14 ago 2003.

_____. Arquivo Pessoal destinado a ACANDHIS Envelope 5 na Caixa 4 contendo vasto material sobre a A Revolução de 23 em Canguçu. Livro Memórias de Zeca Netto, material sobre Juvêncio Lemos, artigo de Mário Matos de Vitor Moraes CRESPO, Dario. CRESPO Dario. Ataque e tomada de Pelotas pelo General Zeca Netto. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 18 nov 1962.

_____.A Clara manhã de 29 outubro, **Correio do Povo**, Porto Alegre, 25 nov 1962.

_____.Os objetivos da tomada de Pelotas **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2 dezembro 1962.

_____.O ataque a tomada de Pelotas. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 16 abr 1963

_____.Os Mattos, Moreira e Bentos de Canguçu. Disponível no Google;

BRILHANTE, Ismael. Cel Juvêncio Maximiliano Lemos, in: **No ápice da glória**. Publica sua Fé de Ofício, as p.146/149.9 Excelente interpretação homenagem ao ilustre canguçuense). Filhos: Dr. Amadeu Amâncio Lemos Médico da Brigada Militar. Zulmira, Santusa, Maria e Eglantina Lemos. Filhos do Dr. Amadeu, os coronéis do Exército Celso Passos Saldanha Lemos, que faleceu como Governador da Ilha de Fernando de Noronha e Juvêncio Saldanha Lemos nosso apreciado amigo, hoje acadêmico da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e historiador autor das preciosas obras: **Os Mercenários do Imperador, A Saga do Prata, Dever Secreto, e Memórias do Cel Juvêncio Saldanha Lemos**.

CRUZ, Orlando. Parte de combate da ala do 1º Corpo Provisório da Brigada Militar, ocupante da Sociedade Agrícola de Pelotas, como seu comandante interino na defesa ali de seu posto). Vide livro de Aldo Ladeira Ribeiro sobre a Brigada Militar.

ENDERLE, Lauro. Morre na defesa da cidade o Tenente Verneti. **Diário da Manhã**. Pelotas 29 outubro 1983. (pública retrato do ten Verneti e destaca a figura do Dr. Djalma Paulino de Mattos, canguçuense que como capitão revolucionário tomou parte na tomada de Pelotas).

ESCOBAR, Álvaro Ávila, cap. Parte como oficial de dia do 1º Esquadrão do 1º Corpo Provisório no dia 28 outubro, divulgada por Dario Crespo, em seu artigo no **Correio do Povo**, de 14 abril 1963.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. Revolução de 1923 in: **História do Exército Brasileiro** Rio de Janeiro SERGRAF / IBGE, 1972. V. 3.p.895/904.

FERREIRA FILHO, Arthur. Ação revolucionária no Sul - Ocupação de Pelotas in: **Revolução de 23**. Porto Alegre: Imprensa do Estado, 1973. p. 85/88.

_____. Hipólito Ribeiro Filho e Zeca Netto in: **Revolução e caudilhos**. Porto Alegre, 1970, p. 77 e 252.

FRANCO, Sérgio da Costa. **A Paz de Pedras Altas**, Porto Alegre: UFRGS, 1993.

FORTINI, Arquimedes. Revivendo o passado. **Correio do Povo**, (Aborda a sua visão do ataque a Pelotas citando nome dos participantes).

LEMONS, Amadeu Amâncio, cap med Brigada Militar. Seu diário pessoal como integrante, em 1923, do atual do 2º RC da Brigada Militar de Santana e que foi criado por seu pai em 1913, o canguçuense Coronel Juvêncio M. Lemos. Regimento que hoje leva o seu nome. Diário de que me foi cedida cópia por seu filho e amigo nosso e escritor, o acadêmico da FAHIMTB Cel Ex Juvêncio Saldanha Lemos, Diário que resgata o que era a vida em campanha de uma unidade da Brigada Militar que atuou nos vales dos rios Turvo, Prata e Antas, na colônia italiana. Diariamente registrava quantas léguas a sua força se deslocou.

MATTOS NETTO, José Antônio (Zeca Netto). **Memórias** Porto Alegre. Martim Livreiro. 1983.p.97/103. (Disponível com notas de meu Arquivo Pessoal destinado a ACANDHIS) MORAIS, Adail. Gestos que devem ser lembrados. Recorte de jornal em que reverencia O Cel Juvêncio e suas virtudes cívicas (Disponível em meu arquivo pessoal destinado a ACANDHIS).

MORAIS Vitor. Reminiscências de 1923 de Canguçu a Caçapava. **Correio do Povo**, Porto Alegre

MOREIRA, Ângelo Pires, maj. 29 de outubro: a ação militar de Zeca Netto. **Diário Popular**, Pelotas, 29 outubro 1923.

OSÓRIO, Pedro Luiz da Rosa cel. Telegrama como intendente de Pelotas ao presidente Dr. Borges de Medeiros, sobre a tomada da cidade em 29 out. 1923, pela coluna do General Zeca Netto. (Vide o livro do Cel Aldo Ladeira sobre a Brigada Militar, p. 189).

PINHEIRO, Cairo Moreira **Genealogia das famílias Mattos Moreira de Canguçu**

RIBEIRO, Aldo Ladeira. **Esboço Histórico de Brigada Militar do Rio Grande do Sul**.

Porto Alegre, 1953. (Exemplar doado ao Dr. Raul Azambuja e doado a seu neto falecido Flávio Azambuja Kremer, proprietário do Armazém Literário Cel Cláudio Moreira Bento em Pelotas. Contém a parte de combate do dia 29 de outubro, do Capitão Orlando Cruz Fiscal do 1º Corpo de Provisórios e seu comandante interino sobre o ataque a Sociedade Agrícola e telegrama do intendente Cel Pedro Osório ao Presidente do Estado Dr. Borges de Medeiros. São duas importantes fontes primárias p. 183/191). Inclui trechos dos Apontamentos do Cel Juvêncio Lemos sobre a Brigada Provisória do Sul.

SCHOEDER, Celso. A Revolução de 1923. **RIHGRGS**, Ano 20. EM TEMPO: Mário Barbosa Mattos, elaborou em Power Point, obra **As famílias Moreiras e Mattos de Canguçu** e ao seu final publica seis fotos de revolucionários de 1923 da família Moreira Mattos de Canguçu-RS.

Obs.: as fotos que ilustram esta edição do Informativo Memória, estão com baixa qualidade, pois, foram escaneadas de recortes de jornais e de fotos de quadros, já gastos pelo tempo.

MINHA VISITA AO CASTELO DE PEDRAS ALTAS EM 2017 LOCAL DA PAZ DE PEDRAS ALTAS DA REVOLUÇÃO DE 1923

Como historiador militar e jornalista, de longa data tinha eu a intenção de visitar o Castelo de Pedras Altas- RS que foi construído entre 1909 – 1913, em estilo medieval, por seu proprietário, o diplomata aposentado Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, o líder da Revolução de 1923 contra o governo do Dr Antonio Augusto Borges de Medeiros que vinha sendo reeleito diversas e sucessivas vezes para a Presidência do Rio Grande do Sul.

Castelo teve por cenário O Pacto de Pedras Altas, que colocou fim a Revolução de 1923, que em 2023 comemora seu Centenário Pacto mediado pelo Ministro da Guerra General Fernando Setembrino de Carvalho, que considero o Pacificador do Brasil do Século XX, por haver pacificado a Revolta do Padre Cícero no Ceará, em 1811, a Revolta do Contestado em 1915 e ,finamente a Revolução de 1923. E tudo inspirado no Duque de Caxias, o Patrono oficial do Exército desde 1962, e desde 1996 da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), e cujo aniversário do Duque de Caxias o General Setembrino como Ministro da Guerra o consagrou em 1924 com o Dia do Soldado.

E sobre o General Setembrino de Carvalho havíamos publicado em 2013 o livro A REVOLTA DO CONTESTADO NAS MEMÓRIAS E ENSINAMENTOS DE SEU PACIFICADO.Obra disponível para ser baixada ao final de Livros e Plaquetas no meu site www.ahimtb.org.br .e no Google.

E na esperança de encontrar aquele Castelo em todo o seu esplendor a ele nos dirigimos na companhia do jornalista Cairo Moreira Pinheiro, na tarde do dia 28 de abril de 2017, para conhecer aquele tesouro da História do Rio Grande do Sul, enfrentando uma rodovia de 30 Km, de terra batida e degradada, ligando a cidade de Pinheiro Machado à sede do Município de Pedras Altas.

E qual não foi a nossa decepção de encontrar aquele monumento em degradação progressiva ,no ano em que seu proprietário e idealizador comemorava 160 anos de nascimento. E ali sermos informado por sua neta que nos atendeu gentilmente D. Lygia Costa Pereira de Assis Brasil , e nos explicou que não foi encontrado entre os demais herdeiros a solução para dar continuidade a preservação daquele monumento com recursos dos herdeiros e que a solução consensual foi a de colocar a venda aquele monumento por 8 milhões e meio de reais , uma vez que sua reforma teria sido orçada em 5 milhões de reais. No outrora galpão modelo onde D. Sylvia nos recebeu, constatamos a sua avançada degradação, com parte de seu telhado caído. E com sua permissão fomos visitar o castelo por fora e nele tiramos algumas fotos que colocamos ao final desta reportagem, junto com outras históricas do Castelo.

Mas antes recordemos quem foi este grande brasileiro filho de São Gabriel

A Atenas e Esparta gaúchas, “A Terra dos Marechais” e de outros destacados militares, como o irmão do Dr Assis Brasil e nascido 19 anos depois dele, O

General Ptolomeu de Assis Brasil, o historiador da Batalha de Caiboaté , a maior Batalha da Guerra Guaranítica 1754-1756, no seu livro, A BATALHA DE CAIBOATÉ, que conheci e estudei na edição da Livraria Globo de Porto Alegre em 1935, no ano do Centenário da Revolução Farroupilha, da qual seu irmão foi o pioneiro a abordá-la em contraponto a versão imperial dominante até então.

Mas quem foi Joaquim Francisco de Assis Brasil?

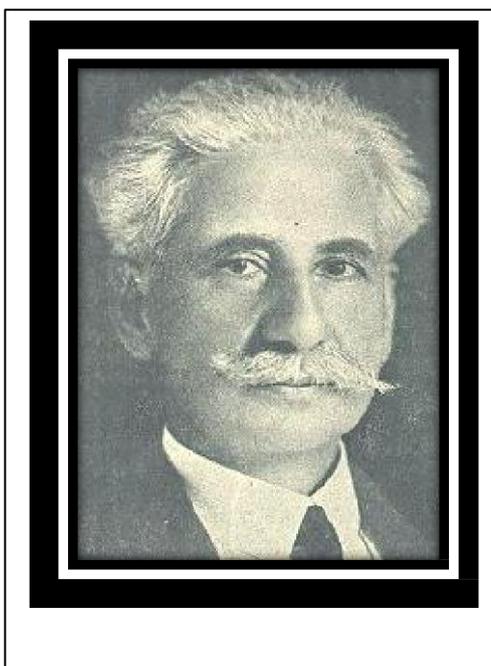


Foto mais conhecida de Assis Brasil, entronizada em muitos lares de seus seguidores na Revolução de 1923 e inclusive junto com a Dr Antônio Augusto Borges de Medeiros no Museu Municipal de Canguçu-RS, meu berço natal e onde a Revolução se desenvolveu forte sob a liderança do General Revolucionário Zeca Neto, conforme a abordamos no Informativo MEMÓRIA da ACANDHIS, em março 2013 intitulado RECORDANDO CANGUÇU- RS E SEUS FILHOS COMBATENTES NO 90º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 1923, e disponível em Conflitos, em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org e no Google

Assis Brasil Nasceu na estância de seu pai, de origem açoriana, em São Gabriel em 24 de junho de 1857 e possuía 8 anos ao ter início a Guerra do Paraguai me cerca de 13 anos ao seu término.

Inteligência brilhante estudou em São Gabriel, Pelotas e, Porto Alegre. Com 19 anos ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo onde se formou em 1882 aos 25 anos.

Republicano, ali publicou seu livro sobre a HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA, trabalho pioneiro publicado cerca de 39 anos depois da citada Revolução, período em que vigorou a versão imperial da Revolução Farroupilha, e que foi a primeira e efetiva experiência republicana no Brasil. Em São Paulo , na Escola de Direito do Largo do São Francisco, em 1879 participou da fundação do Clube Republicano Acadêmico e do Jornal Evolução. Voltando ao Rio Grande do Sul, percorreu a cavalo seu estado natal divulgando ideal republicano.

Assis Brasil Parlamentar Provincial e Constituinte

Ainda no Império foi deputado provincial nos anos 1884-1886 e 1886-1888. Proclamada a República foi eleito deputado da Assembléia Constituinte. Com o fechamento do Congresso pelo Marechal Deodoro, Assis Brasil substituiu o Dr Julio de Castilhos, seu cunhado na Junta Governativa que passou a História como Governicho. Em nosso livro HISTÓRIA DA 3ª REGIAO MILITAR 1889-1953. 2º volume, pp. 22/25, abordamos a projeção do fechamento do Congresso pelo

Presidente Marechal Deodoro da Fonseca, bem como o desenvolvimento da Guerra Civil 1893/1895 do ponto de vista do Exército, até então inédita.

O Diplomata

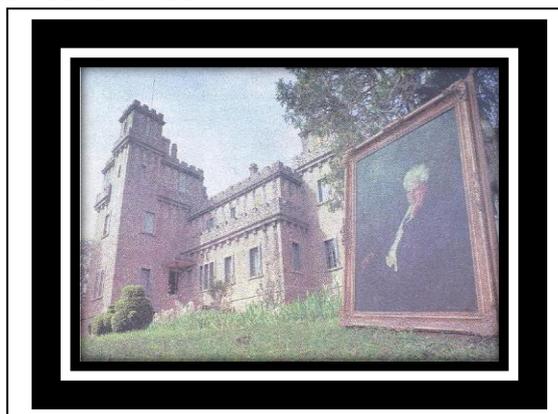
Na República foi nomeado Ministro Plenipotenciário na Argentina e depois em Portugal para reatar relações estremeçadas.

Em 1898 , aos 40 anos foi embaixador nos Estados Unidos onde permaneceu cerca de 4 anos até 1902 e onde casou pela 2ª vez, com cerca de 40 anos com Lydia Felício São Mamede, filha do Barão de São Mamede depois de cerca de 3 anos de viuvez de Maria Cecília Prates de Castilhos com a qual vivera por cerca de 10 anos e da família de Dr. Julio de Castilhos. Depois de 1902 foi embaixador no México.

Em 1903 trabalhou com o Barão do Rio Branco no estabelecimento no Acre dos limites do Brasil com a Bolívia, da qual resultou o Tratado de Petrópolis, 1903 que incorporou o Acre ao Brasil , o qual que fora libertado e conquistado por seu conterrâneo, o gabrielense Plácido de Castro. Retornou dos Estados Unidos em 1905 e foi mandado para a Argentina para desfazer intrigas.

Em 1906, com Joaquin Nabuco, foi secretário do Congresso Pan-americano.

Aposentadoria aos 50 anos em 1907



O Castelo de Pedras Altas durante a sua construção e depois de construído numa composição com um quadro a óleo de seu idealizador e que nele residiu cerca de 30 anos e onde faleceu as vésperas do Natal de 1938, quando estudávamos no 1º anos do Colégio N.S Aparecida em Canguçu e ouvimos de colegas Morreu o Dr Assis Brasil, sem ainda entender o que ele significava, pois eu tinha 7 anos. Fotos da Internet de reportagens Sobre o Castelo de Pedras Altas e de seu proprietário.

Em 1907 aposentou-se aos 50 anos e passou a construir o Castelo de Pedras Altas para que nele sua mulher D. Lydia Pereira Felício São Mamede dispusesse de máximo conforto. E neste Castelo de Pedras Altas ele viveria durante cerca de 30 anos até seu falecimento em 24 dez 1938, aos 80 anos vítima de pneumonia. E esta sepultado junto com suas duas esposas e filha no Cemitério do Castelo localizado a longa distância do Castelo.

E nele introduziu no Brasil, o gado Jersey, Devon, a ovelha Karakut e o cavalo árabe e ao redor de seu castelo, galpões modelares, fruto de exemplos colhidos em seu peregrinar fora do Brasil como diplomata.

E sem esquecer sua modelar biblioteca com milhares de livros necessários a suas atividades de advogado, público, orador, poeta, diplomata, estadista, propagandista republicano. Atividade rural e cultural traduzida nos dizeres de placa na entrada do terreno de acesso ao Castelo.

Bem vindo à mansão que encerra.

Dura lida e doce calma, O arado que educa a terra , O livro que



Líder na Revolução de 1923

Em 1923 foi lançado candidato a presidente do Estado do Rio Grande do Sul, com cerca de 66 anos, em oposição ao Doutor Antônio Augusto Borges de Medeiros, do que resultou a Revolução de 1923. “A Revolução de Cavaleiros”, cuja Paz de Pedras Altas que colocou fim ao movimento revolucionário armado foi selada em seu Castelo, conseguindo como resultado a Reforma da Constituição do Estado e abolido o estatuto da reeleição.



O Pacto de Pedras Altas firmado na Biblioteca de seu Castelo , pacificou o a Revolução de 1923, a qual abordei do ponto de vista do Exército no meu livro HISTÓRIA DA 3ª REGIÃO MILITAR 1889-1953 2ª Ed p.205/214 ,então comandada por um neto do Barão do Triunfo General Andrade Neves , General de Divisão Eurico Andrade Neves. O 1º a direita esquerda é o Dr Assis Brasil com cerca de 66 anos. O 1º a esquerda direita é o General Fernando Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra que pacificou a Revolução, merecendo do saudoso historiador Sergio da Costa Franco elogiosas referencias por sua atuação em seu livro sobre a REVOLUÇÃO DE 1923. E a seu lado o General Revolucionário Zeca Neto que integra a minha genealogia e é patrono de cadeira na Academia Canguçuense de História que fundei e presido, bem como a seu lado o General Rev, Honório Lemes integrante da minha Genealogia bem como também o General Bento Gonçalves e a do General Zeca Neto. Genealogia denominada ADALEME (Associação dos descendentes e afins dos Lemes da Ilha da Madeira).

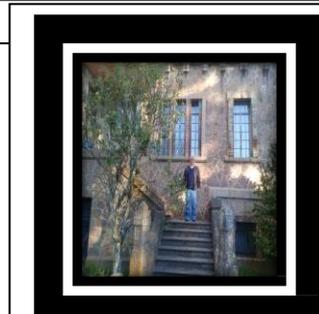
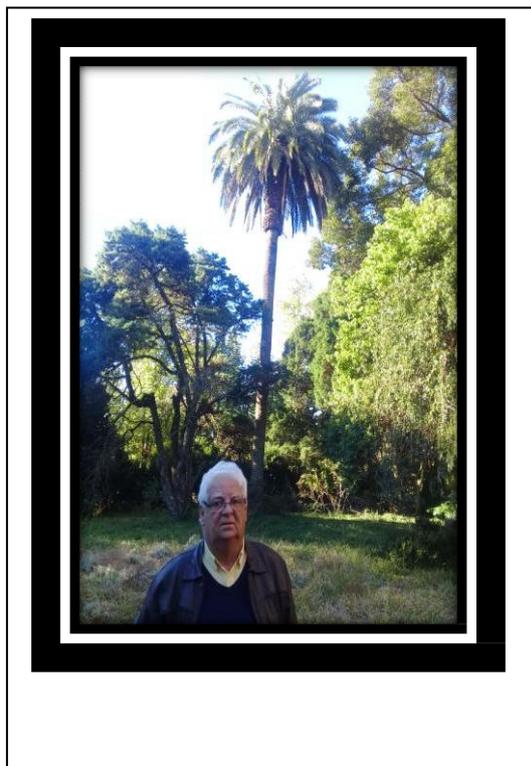
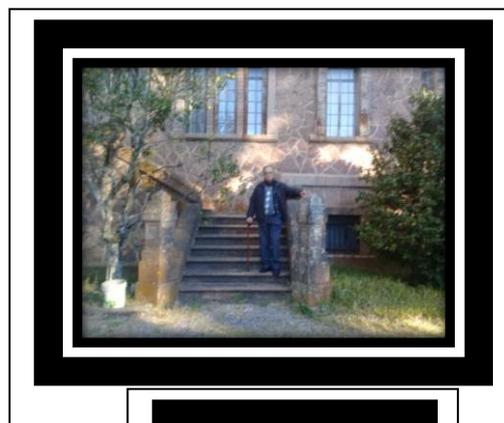
Zeca Netto era sobrinho do General Farroupilha Antonio de Souza Netto, cujas ações procurou reeditar com a Tomada de Pelotas.

Em 192 Assis Brasil se exilou por um tempo no Uruguai. Em 1930 foi nomeado Ministro da Agricultura, assunto que adquirira grandes conhecimentos e os praticara em sua modelar granja do Castelo de Pedras Altas. E nesta condição foi a Resende – RJ, onde hoje eu resido e inaugurou um matadouro de galinhas.

Em 1932 idealizou o Código Eleitoral, sugerindo uma máquina de votação que anos mais tarde seria a urna eleitoral.

Em 1936 desempenhou missão especial em Buenos Aires. E foi conferencista em Washington e Londres e retornou ao seu Castelo, onde faleceu na véspera de natal de 1938.

FOTOS DE MINHA VISITA AO CASTELO DE PEDRAS ALTAS EM 28 ABRIL DE 2017

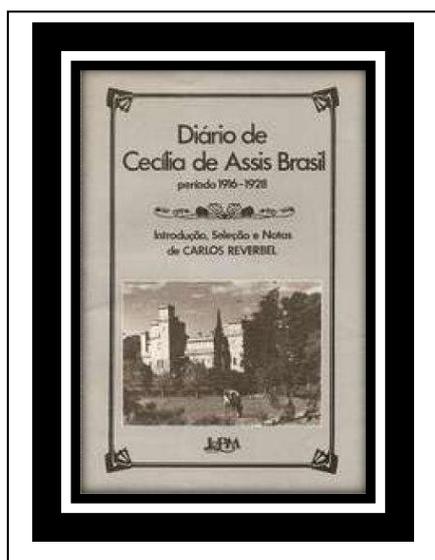


Da esquerda para a direita de cima para baixo.1-Foto de placa na entrada do terreno do Castelo que encontramos cobertas de folhas que removemos para a foto, 2-Nossa foto nos degraus de entrada do Castelo.com bengala que não mais uso por curado ;.3-Foto do jornalista Cairo Moreira Pinheiro na no Jardim frente do Castelo, acima degraus entrada.4- Foto do jornalista Cairo Motreita Pinheiro na escada se entrada do Castelo. 6-Casa a direita da estrada do Castelo com evidentes sinais de deterioração e ao lado do Castelo. Lembrança duma triste visita a um precioso teouro do Rio Grande do Sul ,órfão do Poder Público e em deterioração progressiva, sobre o qual o tradicionalistas gaúchos cultores da Revolução Farroupilha creio deveriam encetar campanha pró amparo estatal em homenagem aquele jovem rio-grandense que foi o pioneiro em São Paulo a escrever a HISTÓRIA DA REPÚBLICA RIO-GRANDENSE como hoje ela é cultuada, como uma tentativa de Republica que foi consolidada em 15 de Novembro de 1889.E aqui minha contribuição como Presidente fundador em 10 setembro de 1986. no sesquicentenário do Combate do Seival do INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL que há 36 anos luta pela preservação da Histórias e Tradições do Rio Grande do Sul.em crescente desamparo e indiferença,E Assis Brasil é um símbolo expressivo dos filhos do Rio Grande do Sul.

FOTOS DO CASTELO SOBRE SUAS INSTALAÇÕES RETIRADAS DA INTERNET



A esquerda uma composição de fotos do interior do Castelo e a esquerda a retaguarda do Castelo e de Cinstalações da granja com visíveis sinais de deterioração a espera de salvação pelo Poder Público ou por algum Mecenaz do empresariado Nacional que devolva o seu brilho e continue a ser como o foi um Ponto Turístico. E quem escreve estas linhas seria por tradição familiar um borgista.. Felismente o Castelo com 44 comodoss e precioso acervo condtruido numa propieta rural de 300 hectares doi adquirido em 8 de mau de 1922 pela Familia Segat de Santa Maria e sera aberto a visitação pública, E esta sendo objeto de diversas reportagens acessiveis pela internet .Vale Conferi!!!



Lembro que minha cunhada Zaida Manke Bento leu um relato da filha mais velha de Assis Brasil

Cecilia Assis Brasil (vide capa na página anterior) e que relatou a presença de meu avô Cel GN Genes Gentil Bento , que administrava uma estância na então Estação Ferroviária de Cerrito, atual Pedro Osório de ter estado no local onde estava sendo construído o Castelo de Pedras Altas para vender a Assis Brasil uma enorme carga de Carvão vegetal. Lembro que meu pai Conrado Ernani Bento, então adolescente com 14 anos , falou que acompanhou o pai nesta viagem e ficou impressionado com a movimentação de material e pessoal para a construção do Castelo de Pedras Altas. Em 1905 meu avô eleito vive intendente de Canguçu , assuiu e por falecimento do intendente Cel GN Leão Silveira Terres as funções de intendente .Posto posto no qual permaneceu até 1916.Em 1923 encontra-se em Porto Alegre, encarregado de defendê-la com A Guarda Republicana, contra possível ataque de Porto Alegre de parte de forças do General(Rev) Zeca Netto. Dona Cecília a filha predileta de Assis Brasil, nascida nos Estados Unidos morreu vítima de um raio junto com o seu cavalo .

Assis Brasil e autor do Best-Seller Cultura dos Campos, já na sua 4ª edição. A 1ª foi publicada em Paris em 1908 num total de 32.000 exemplares , a segunda edição em Lisboa em 1909 e a 4ª pelo Estado do Rio Grande do Sul.Livro disponível para a venda em sebos.

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO



Veterano Cel Eng EM Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Filho de Conrado Ernani Bento e de Cacilda Morira Bento.Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 5 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 120 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foram i sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército os 78 anos da Acamia Militar das Agulhas negras e Almanaque de todos os oficias dela egressos 1944-2021**Obra em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes. E mais o livro **Duque de Caxias opatrono do Exército**. Mandado publicar pelo comandante do Exército como contribuição desta instituição às comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil.Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas, além de multilplas condecorações e medalhas comemorativas expostas na Academia Canguçuense de História . Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviário Su, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e as Academias Canguçuense, (da qual é o seu presidente , as Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro

de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande.. Este ano complementou 91 anos de idade .!.Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Celular 24/999247757.